

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

A EDUCAÇÃO INDÍGENA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA
POR MEIO DE PROJETOS

GAMALONÔ SURUI

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**A EDUCAÇÃO INDÍGENA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA
POR MEIO DE PROJETOS**

GAMALONÔ SURUI

Sob a Orientação do Professor

Dr. José Roberto Linhares de Mattos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Maio de 2018
Seropédica, RJ**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S961e SURUI, GAMALONÔ, 1979-
A EDUCAÇÃO INDÍGENA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA
POR MEIO DE PROJETOS / GAMALONÔ SURUI. - 2018.
42 f.

Orientador: José Roberto Linhares de Mattos.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA, 2018.

1. Projeto Mais Educação. 2. Educação Indígena. 3.
Educação Escolar Indígena. 4. Paiter Suruí. I. Mattos,
José Roberto Linhares de , 1958-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA III.
Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

GAMALONÔ SURUÍ

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 02/05/2018.

José Roberto Linhares de Mattos, Dr. UFF

Sandra Maria Nascimento de Mattos, Dr. BUB

Mônica Maria Borges Mesquita, Dra. MARE - PT

DEDICATÓRIO

Dedico esta dissertação a todos da minha família, minha mãe Inceri Surui, meu pai Oikaa Dikiboba Surui (*in memorian*), todos meus irmãos. Principalmente minha esposa Léia Solor Surui e meus filhos Oytetere Surui, Oyapadûlet Surui, Oyapagõa Iway Surui, Oyagarba Iway Surui, Oykoepit Surui que me deram muito apoio e esforço a estudar longe de casa, sendo que estes são as pessoas muitos especiais na minha vida.

Dedico, também aqueles meus alunos que me apoiaram e compreenderam minhas ausências e me estimulam a continuar sendo professor.

EKABI LENĀYĀH WE

Āh dissertação esadenā bag a omā família ekabi enā e, ohni Inceri Surui ekabi, ohlob Oikaa Dikiboba Surui, (ohpah omn nehr lade ipi)ekabi, bag a omor ey ekabi, oyigayet Léia Solor Surui ekabi, eteh bag a owapag ey, Oy Itetehre Surui ekabi, Oyapadûlet Surui ekabi, Oyapagõa Iway Surui ekabi, Oyagarba Iway Surui ekabi, Oykoepit Surui ekabi, yeey jenā kot lade okobah ewe pakob eyõh enā ogay e, eyab ey jetenā omagarba wab e enā e.

Maxiteh ojenā anõ omasodihg ey je oom a axã ewe same ikin ogay e ekabi enā e, yahba omasodihg e makiht nãh teh wa ogay e, eey.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por esse trabalho feito.

A todos da minha família, minha mãe Inceri Surui, meu pai Oikaa Surui (*in memorian*), aos meus irmãos pelo apoio durante dois anos que tive que me deslocar de Cacoal até o Rio de Janeiro e eles cuidaram de minha esposa e filhos.

Para minha esposa Léia Solor Surui e meus filhos Oytetere Surui, Oyapadûlet Surui, Oyapagõa Iway Surui, Oyagaba Iway Surui, Oykoepit Surui que me deram muito apoio nos momentos mais difíceis da minha vida, sendo que estes são as pessoas especiais na minha vida.

É todos da aldeia Paiter linha 09, que me escolheram para ser professor da escola Isidoro de Souza Meirelles e me dando força, contribuíram durante a realização do meu curso. Agradeço, também por terem aceitado a minha solicitação para desenvolver minha pesquisa nesta aldeia, projeto Mais Educação.

Aos meus alunos pelo apoio e paciência, assim compreendendo minhas ausências e por terem me inspirado a fazer este curso de mestrado. Também agradeço o professor José Roberto Linhares de Mattos, pela sabedoria e muita paciência nas suas orientações durante o meu trabalho de pesquisa, não agradeço só pela orientação, mas também pelo amizade.

Agradeço a Universidade Federal Rural de Rio de Janeiro, campus de Seropédica-RJ, que me ofereceu a oportunidade de fazer um curso tão compensador na área de Educação. Agradeço também a todos os professores da UFRRJ que deram a aula durante o curso que me motivaram bastante no meu trabalho como professor. Finalizo o meu agradecimento com o professor Antônio Ferreira Netto, por que através dele tinha esse privilégio de conseguir o mestrado na UFRRJ, mas se não fosse ele não estaria de ter chance de fazer o meu mestrado.

Obrigado!!

YETEH ITER A WE EEE

Mageter lade palob ga e yeteh iter a ãh omasoe maga deka e.

Bag a oma família ka, ohti Inceri Surui, ohsob Oikaa Dikiboba Surui, (ohpa om ner lade ipi e) bag a oporey ka, oyigayet, omûg ey alawata tajena Cacoal pi ladeka Rio de Janeiro koy okobah ewewy minã e.

Oxigayet, owapag ey Oy Itetehre Surui, Oyapadûlet Surui, Oyapagõa Iway Surui, Oyagarba Iway Surui, Oykoepit Surui, ekabi nem enã, xameomi tajenã okobah lade ewe same ikin ogay e, eyap e matxor, eyap ey jena omagarba wab e enã e.

Bag a ter ladenã aldeia paiter linha 09 ka yeteh iter a sodihg e makit nã taje omaã sodig gah Izidoro de Souza Meireles eka ma eka ani e, eyap e mi tajenã iwe same ikn oom aata lade okobah eka e. Eyap ey ka ladenã iwematrixor teh iyeh taje projeto Mais Educação ka eka ani e.

Omã sodihg ey ka, iwe same ikin taje omã mestrado maga we ewe. Sodihg e makit Jose Roberto Linhares de Mattos, edenã ama soe same itxa we mi omakobah eka ladina yeteh iter ani e, eyap detenã omakap e.

Universidade Federal Rural de Rio de Janeiro sade Seropédica ekoy, eka teh lade maxiteh yeteh iter we itxa ani e, ogapi yõh de mestrado ka ewe ka, xomasodihg emakit ey ka maxiteh. Ehbo ladenã sodihg e makit Antônio Ferreira Netto de iwe same itxa ogay mã e ewe nekoy yeteh ietr ikay ani e.

Yeteh iter!!

RESUMO

SURUI, Ganalonô. **A Educação Indígena na Educação Escolar Indígena por meio de Projetos**. 2018. 42f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2018.

A educação escolar indígena é uma das temáticas educacionais que têm avançado muito em discussões e reflexões nos últimos anos. Progressos consideráveis têm sido alcançados na direção de uma educação escolar indígena bilíngue, diferenciada, intercultural, comunitária, produzida pelos membros da própria etnia, mas muito ainda há que se fazer. O projeto Mais Educação na aldeia Paiter linha 09 da etnia Paiter Suruí deu uma grande contribuição nesse sentido. A pesquisa que apresentamos nessa dissertação aborda esse projeto e as contribuições que ele deu à educação escolar indígena Paiter. Trata-se de uma pesquisa etnográfica com abordagem qualitativa, consistindo de observações do cotidiano da aldeia, entrevistas com liderança, sabedores, alunos e membros da comunidade, e desenvolvimento de atividades na educação indígena e na educação escolar indígena, na aldeia Paiter linha 09, em Cacoal – RO, com registros fotográficos, em vídeos e diário de campo. O objetivo foi investigar a importância do projeto Mais Educação, para a educação escolar indígena Paiter. Os resultados obtidos apontam para a aceitação do projeto por parte da comunidade e a contribuição do mesmo para a aprendizagem significativa dos alunos indígenas da escola indígena Izidoro de Souza Meireles.

Palavras-chave: Projeto Mais Educação, Educação Indígena, Educação Escolar Indígena, Paiter Suruí.

ABSTRACT

SURUI, Gamalonô. **The Indigenous Education in Indigenous School Education through Projects.** 2018. 42p. Dissertation (Master in Agricultural Education). Instituto de Agronomia, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2018.

Indigenous school education is one of the educational themes that have advanced much in discussions and reflections in recent years. Have been made considerable progress towards a bilingual, differentiated, intercultural and community indigenous school education produced by members of the ethnic group, but much remains to be done. The More Education Project, in the Paiter village, line 09, of the Paiter Suruí ethnic group made a great contribution in this regard. The research that we present in this dissertation approaches this project and the contributions that it gave to the indigenous school education Paiter. This is an ethnographic research with a qualitative approach, consisting of daily observations of the village, interviews with leaders, learners, students and members of the community, and development of activities in indigenous education and indigenous school education, in Paiter village, line 09, Cacoal – RO, with photographic records in videos and field diary. The goal was to investigate the importance of the More Education Project, for the indigenous school education Paiter. The results obtained point to the acceptance of the project by the community and the contribution of the same to the meaningful learning of the indigenous students of the Izidoro de Souza Meireles indigenous school.

Keywords: More Education Project, Indigenous Education, Indigenous School Education, Paiter Suruí.

SOE PAROYTXAGMÃHGA

SURUI, Gmalono. **Laht Gobah We Sade Sodiĥg ah Tohta Awe Same Itxa Projeto Emi Ani Ewe.** 2018. 63 p. Dissertação (mestrado na ga masoe ka). Agronomia masoe yomah. Universidade Federal Rural de Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2018.

Laht gobah we sade sodiĥg ah ka ani e we denã xameomi ter gũnã awe same mãga maykũb ekao emi anã e. Laht denã akobah we same emãga iwe kane alade ewe mi e, goe akalar e, xinekaneb emi, amasoe itxawe akalare nã, ewe denã awitxer i yakade maga ani e, ewe e. projeto Mais Educação ede aldeia paiter linha 09 koy e edenã laht asoe we ka sodiĥg ey akobah enã e. Ehbo soesame kahr emã me sade dissertação ka e edenã laht emakobah we sade sodiĥg ah ka ani e we tohta ane enã paiter akobah enã e. Waba Soeitxawe kotãga ãh ewe mi denã merkar labiway ka e, soeitxayed ey ka e, sodiĥg ey ka e, paiterey ka, soematoĥ waph tamakobah waph amasoe ka e, aldeia paiter linha 09 ey jenã e, ehbo tajenã Cacoal -Ro, eyap e same denã awe maga ixo nã e, vídeo nã e, iweixo tig mit e nã awerkar e. Nan ekabi iwe menã ahte projeto Mais Educação eyaor inã palomakobah aor inã, eyap we denã projeto Mais Educação kane teh paiter ey jenã e kalenã gobah we detay sodiĥg e sodiĥg ah Izidoro de Souza Meireles e ka.

Let agũy: Projeto Mais Educação, laht gobah we, laht gobah we sade sodiĥg ah ka e, Paiter Surui.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 O PROJETO MAIS EDUCAÇÃO.....	4
2 METODOLOGIA.....	7
3 ENTREVISTAS COM O CACIQUE, SABEDORA E ALUNOS.....	8
4 AS ATIVIDADES DO PROJETO MAIS EDUCAÇÃO	15
4.1 Avaliação do Projeto	16
4.2 Continuidade do Projeto	16
4.3 Processo de Bater Timbó.....	17
4.4 Maquete da Maloca Paiter	20
4.5 Pintura Corporal do Povo Paiter.....	22
4.6 Confecção de Artesanato	26
4.7 Educação Indígena.....	28
4.8 Educação Paiter Surui.....	28
5 A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E O ENSINO DAS LÍNGUAS NA ESCOLA.....	31
5.1 Educação Escolar entre os Suruí	32
6 ALGUMAS REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
7 ALGUMAS REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

INTRODUÇÃO

Paiter iter significa "gente de verdade, nós mesmos". O povo Paiter é conhecido também por Suruí, nome que foi dado por antropólogos, fala uma língua do tronco Tupi e da família linguística Mondé. Contam os mais velhos para os antigos que este povo migrou do Mato Grosso para Rondônia a procura de um lugar seguro, mas quando chegou aqui viu-se cercado por todos os lados por outros povos indígenas e também pelos brancos.

Depois de muitas lutas, guerras e doenças não tiveram outra saída a não ser fazer contato pacífico com os não indígenas. O dia sete de setembro de 1969 foi quando aconteceu o contato do povo Suruí por meio do sertanista Francisco Meireles e seu filho Apoena Meireles, por isso a terra indígena recebeu o nome de terra indígena Sete de Setembro, em uma época de muitos confrontos com colonos. O contato aconteceu na linha 12 onde povo Paiter vivia uma grande aldeia que atualmente conhecido como nabekot abad akiwah, que no idioma paiter significa "lugar onde os facões foram pendurados".

Consequência do contato dos Paiter com "homem branco" foi redução da população Paiter de 5000 para 250 indígenas (CARDOZO, 2011). Atualmente, população das Terras Indígenas Sete de Setembro é cerca de 1500 Suruí, distribuídos em 25 aldeias, numa Terra Indígena demarcada com 247.870 ha, pegando os estados de Rondônia e Mato Grosso.

Em 1982 aldeia paiter linha 09 foi aberta por duas famílias e hoje tem 22 famílias com 192 pessoas, esta comunidade trabalha com a roça de café, mandioca, banana, milho, cará, batata doce, arroz, uma parte é consumida e outra é vendida para seu sustento familiar, além de colheita de castanha numa determinada época. A partir do ano de 1991 foi implantado a escola na aldeia Paiter, daí os alunos indígenas começaram a frequentar a escola indígena.

Neste projeto apresentamos a pesquisa que irá realizar na aldeia Paiter linha 09, da terra indígena sete de setembro no município de Cacoal- RO sobre projeto Mais Educação. Este trabalho irá dividir os trabalhos de acordo com o gênero: os homens idosos vão levar os conhecimentos masculinos para a escola e as mulheres idosas com os conhecimentos femininos para contribuir as aulas da cultura paiter desta comunidade de acordo com a cronograma as atividades irão ser realizadas.

O projeto Mais Educação além da escola pode trazer também outro conhecimento fora do horário de aula para que os alunos indígenas praticam a sua cultura no seu cotidiano. Hoje os indígenas têm facilidade de perder a sua cultura devida por envolver outra cultura mais dominante, para isso pensamos de implantar o projeto Mais Educação para inserir as práticas culturais na preservação e na valorização da cultura.

Este projeto de Mais Educação tem pensado a partir do conceito de educação escolar indígena diferenciada e de qualidade. Portanto as atividades irão abordar a cultura paiter e o contos de mitos paiter e que esses conhecimentos serão repassados aos alunos desta comunidade e pode levar os alunos na preservação da cultura e na valorização cultural do seu povo.

Também, para que a escola pode se tornar um sujeito de instrumento de fortalecimento cultural dentro da aldeia, levando os alunos a compreender, a valorizar e preservar a sua cultura. Dessa forma, temos a seguinte pergunta de partida: como o projeto Mais Educação pode contribuir para a preservação da cultura na aldeia Paiter linha 09 da etnia Paiter?

Para responder essa pergunta, temos como objetivo principal a ser atingido: Investigar a importância do projeto Mais Educação para a Educação Escolar Indígena na aldeia, no que diz respeito à preservação da cultura.

Temos ainda os seguintes objetivos específicos:

- 1) Analisar proposta para implantação projeto Mais Educação na aldeia.
- 2) Verificar se o projeto Mais Educação está nos moldes de uma Educação Escolar Indígena desejada pelos indígenas.
- 3) Investigar junto aos professores, alunos e demais membros da comunidade, em especial idosos, como eles veem o projeto Mais Educação na aldeia.

A pesquisa foi realizada na aldeia Paiter Linha 09, na Terra Indígena Sete de Setembro, da etnia Paiter Suruí de Rondônia, em Cacoal. Os sujeitos da pesquisa foram lideranças indígenas, sabedores Paiter, que atuaram como monitores no projeto Mais Educação, alunos da escola indígena Izidoro de Souza Meireles, professores indígenas e membros da comunidade voluntários.

SOE XAGÛD

Paiter iter denã “xima paiter e eset enã e”, paiter Surui eset denã Surui wa yara kabi enã e, antropólogo denã ixet emãga e, ehbo xikoe denã tupi-modé e. ehbo ikã y xade meremã Mato Grosso pabi payaor enã Rondônia kabi yãh ani e, eyap nig a payenã panakah yara, laht sade ewe ikin ã paledenã ani e.

Ehbo paiter denã xameomi garah kane aweamatag a e, eyap e ih maname mã aneh paiter ka, eetig a pajenã pawentiga teh yara ka e, ehbo sete de setembro emi enã, esade gao nã 1969 nã e, pawetig Francisco Meireles eyap mûk Apoena Meireles, enã pawetig e de eetig a ewenekoy pagarah eset denã sete de setembro wa e, xameomi yara sade agõa ahri ewe ih iwe denã e. Linha 12 pawetig e denã e, mater pajenã muy a ka paweitxa tar e, etig mi pajenã palawat ih e, ehbo pawetig e wah eset emãga “nabekot abad akih wah.

Awetige abopi paiter denã abod mah e, yara magomi e ehbo paiter denã axûr iweka 5000 ehpi 250 kabi aor ãh (CARDOZO, 2011) de. ãh gûnã garah Sete de Setembro esadenã 1500 paiter katxer e itxa ani e, ehbo aweikay 26 aldeias itxa, ehbo yakadenã garah katah we masoe ãh dena e 247.870 ha, Rondônia eyap mi Mato Grosso pekab.

1982 aldeia paiter linha 09 de mater awepekab ig a ma e, xakalar família ey jenã e, ehbo aldeia sadenã ãh wenã 22 família ey itxa ani e, eteh 192 paiter katxer sade itxa ani e, eyap ey xadenã café kat itxa , mõi kat itxa, mokop gaht itxa, meek gaht, soa kat, watxig ah kat itxa, eyami tasadenã ayõh la omalot ehpi nã maih ani e, mãhb gahp pã y laba teh. 1991 ekao mi aldeia paiter linha 09 denã sodihgah maãh e, etig mi sodihge maãh denã laht emasodihg ah ka e.

ãh projeto emasoe sadenã aye aldeia Paiter linha 09 ka awemaga e, garah sete de setembro Cacoal - RO koy, projeto Mais Educação. Eeh soename sade aye e ewe sadenã walet, oy asoe ka mamûk akobah enã aye amasoe ka e, ãhna enamãh yele mi. sodihg ah sade mawe same yõh mamûk ga etiga teh Mais Educação edenã amasoe mi mamûk akobah etig a teh. Tawaba amasoe pi apah om ner a yele same detenã, yara ite itxa alahba teh.

Projeto Mais Educação denã awemãga laht emakobah we sade xima soe mi teh sodihgah ka ahna wã yele mim, eyap e nekoy gobah we sadenã aye paiter asoe ka teneh e, mamûk ewaba amasoe itxa enam ner nã akah wa.

Sodihg ah waba paiter emaxot nã ximasoe itxa yele yõh mamûk kah, ximalaht e mãtxeh emakih omã, iwe same ikine mi ikay, ewe nekoy laht mûk sadenã amalaht emi kobane ani e.

Eyap e mi ahte projeto Mais Educação esenã ãhna emã cultura alawatah aldeia Paiter linha 09 ka Paiter esar ka ani i?

Waba merekar e same ikin mã yele ka, kawe kaneme kabi ojema etera: projeto Mais Educação same sakar ahte yaka paiter ekobah we same sade sodihg ah ka exame tohta ani i, ximasoe ximalht e pigã.

Match sade ewe kaneme ka lenãyh we nã e:

- 1) Iwe ikin nan e kabi projeto Mais Educação emagaor enã aldeia ekabi.
- 2) iwekar ahte projeto Mais Educação esinã paiter eneknem emi laht asodihg ah ka ih.
- 3) iwe same kar sodihg e makit ey itxa, sodihg ey, paiter ey, ikãy ey, kanã tamaga projeto Mais Educação ikin aldeia kah.

Gobah we dena aldeia Paiter Linha 09 ka enã e, laht garah Sete de Setembro, paiter Suruí sar Rondônia, Cacoal ih. Ehbo soeiway jena labiway ey enã e, paiter soeitxayet ey, jenã soenã projeto Mais Educação Izidoro de Souza Meireles emasodihg ey, laht nã sodihg emakit ey eyami paiter ey.

1 O PROJETO MAIS EDUCAÇÃO

O projeto Mais Educação é um programa do governo federal para o ensino fundamental, ela está inserida na escola indígena “Isidoro de Souza Meirelles”, que está localizada na terra indígena sete de setembro na aldeia Paiter linha 09, no município de Cacoal, Rondônia.

O projeto contém seguintes áreas: agroecologia, cultura, artes, memória e histórias das comunidades tradicionais, assim também como artesanatos e acompanhamento pedagógico, o programa Mais Educação visa fomentar, por meio de sensibilização, incentivo e apoio, projeto ou ações de articulação de políticas sociais e implementação de ações socioeducativas oferecidas gratuitamente a criança, adolescente e jovens, e que considerem no fortalecimento cultural paiter e no contexto sociais de uso de língua paiter.

Mais Educação pode fortalecer o trabalho escolar indígena paiter em relação a cultura, memória e história através das práticas e das participações dos idosos. Isto significa que a educação paiter seja valorizada quanto a educação não indígena, pois os planejamentos das atividades serão todos os dias das semanas e também foras dos horários das aulas.

Mais Educação adquiri 10 monitores voluntárias da cultura, cinco masculino e cinco feminino pois a educação paiter se dividem-se em dois gêneros: masculino e feminino. Cada monitor tem dois meses de trabalhos e uma hora e meia de trabalho de cada dia. Assim será as atividades de Mais Educação.

Projeto Mais Educação é muito importante para os indígenas pelo reconhecimento de nós mesmos, através do respeito, solidariedade, resgate e valorização cultura.

Conforme diz Tereza Vergani,

Há uma ética associada ao conhecimento matemático, cuja prática é guiada pelo conhecimento de nós próprios, pela diluição das barreiras entre indivíduos, pela construção de uma “harmonia ancorada em respeito, solidariedade e cooperação”. Daí que os estudantes sejam sempre mais importantes do que currículos ou métodos de ensino; que o conhecimento não possa ser dissociado da plenitude humana nem do aluno nem do formador; que tanto a paz pessoal como a paz ambiental, social e cultural sejam corolários de um posicionamento correto face à vida, face ao conhecimento e face ao cosmos. (VERGANI, 2007, p. 32).

Também, pela forma de luta por direitos indígenas, através de educação, pois de acordo com Paulo Freire:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (FREIRE, 1987, p.17).

Usaremos como uma forte referência, a teoria de etnomatemática de Ubiratan D’Ambrosio que valoriza a geração do conhecimento e difusão nos mais diversos contextos culturais.

De acordo com Ubiratan D’Ambrosio:

Dentre as distintas maneiras de fazer e de saber, algumas privilegiam comparar, classificar, quantificar, medir, explicar, generalizar, inferir e, de

algum modo, avaliar. Falamos então de um saber/fazer matemático na busca de explicações e de maneiras de lidar com o ambiente imediato e remoto. Obviamente, esse saber/fazer matemático é contextualizado e responde a fatores naturais e sociais. (D'AMBROSIO, 2011, p.22).

Scandiuzzi (2009, p. 17) afirma que “a etnomatemática não tem por hábito seguir o método analítico e sim o método sintético, dando ênfase à totalidade, ao holismo globalista, visando à participação com inclusão do sujeito”.

Projeto Mais Educação que foi implantado na escola indígena Izidoro de Souza Meireles que está situada na aldeia Paiter linha 09, município de Cacoal-RO. Este projeto é um programa do Governo Federal, mas a comunidade teve que fazer esse da maneira que seu funcionamento atender a comunidade de acordo o que diz no conceito da educação escolar indígena, no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas: “[...] pensar a escola a partir das concepções indígenas do mundo e do homem e das formas de organização social, política, cultural, econômica e religiosa desses povos”. (BRASIL, 2005, p. 22).

Os membros da comunidade da aldeia paiter linha 09, foram pensar em coletivo para que o funcionamento do projeto, levar os conhecimentos dos alunos para as práticas de sua cultura, por motivo de suas percepções em relação aos jovens que não tem mais interesses na sua cultura tradicional. O projeto Mais Educação teve o bom resultado para os alunos, pois alunos aprenderam o que foi visto com os seus monitores que antes eles não tinha nenhum conhecimento na confecção dos artesanatos e os contos de mitos paiter, mesmo que já viram na sala de aula do livro da Betty Mindlin “vozes da origem”, alguns contos de mitos trabalhado pelos professores indígenas os alunos não tiveram nenhum interesse após a ouvir o conto na sala de aula, mesmo idoso auxiliando o professor durante a aula de língua materna e cultura do povo. Com o resultado do projeto os alunos tiveram alguns avanços a praticar a sua prática cultural, principalmente as meninas ficaram interessadas ao trabalhar no conhecimento feminino.

O projeto da escola indígena precisa incentivar aos estudantes, conscientizar e levar os seus conhecimentos em duas culturas, para que os indígenas não percam as suas identidades, valores, culturas e tradicionais do povo, com o projeto Mais Educação a escola Izidoro de Souza Meireles fica com a característica da escola indígena de acordo que está escrito no RECNEI, 2005:

Por que conduzida pela comunidade indígena, de acordo com seus projetos, suas concepções, e seus princípios. Isto se refere tanto ao currículo quanto aos modos de administrá-la. Inclui liberdade de decisão quanto ao calendário escolar, à pedagogia, aos objetivos, aos conteúdos, aos espaços e momentos utilizados para a educação escolarizada. (RECNEI, 2005, p. 24).

Consideramos também no que diz o professor Baniwa, Gersen dos Santos:

Todo projeto escolar só será escola indígena se for pensado, planejado, construído e mantido pela vontade livre e consciente da comunidade. O papel do estado e outras instituições de apoio deve ser de reconhecimento, incentivo e reforço para este projeto comunitário. (Santos, Gersen dos, 2005, p. 25).

Como escola indígena é diferenciada, qualidade, específico a comunidade da aldeia Paiter linha 09, teve ideia de que o projeto Mais Educação atender a eles somando o papel da escola que tenta trabalhar a demanda da aldeia paiter. Os membros desta aldeia ficaram muitas satisfeitas com o resultado do projeto, onde este atendeu as suas preocupações, devido que através da escola esta oportunidade trouxe os filhos para conhecer e valorizar as práticas culturais do povo Paiter.

Com este projeto a escola indígena Izidoro de Souza Meireles teve avanço na melhoria da estrutura da escola, antes tinha duas salas de aulas e com o recurso de Mais Educação foi ampliado mais uma sala de aula e alojamento de dois quarto com capacidade para oitos professores, sendo que quatro professores para cada quarto para os professores não indígenas que atuam no ensino fundamental e médio, também foram comprados um televisão de 40”, para trabalhar durante a aula quando for necessário, uma máquina fotográfico, um gravador digital de 4 GB para o registro da pesquisa dos professores pertencente ao escola Izidoro, um binoculo e um microscópico para aula pratica da disciplina de biologia, ou seja, para os trabalhos dos professores da escola.

Além desta, com o mesmo recurso aumentou mais a quantidade do valor da compra da merenda, por tanto Mais Educação fez pouco de melhoria para a educação escolar indígena da aldeia paiter linha 09, este projeto foi adquirido pelo conselho escolar pamakobah wah junto ao CRE – Coordenadoria Regional de Educação e do setor da Coordenadoria da Educação Escolar Indígena do município de Cacoal-Rondônia.

Reflexão sobre Mais Educação na aldeia paiter linha 09, com relação a educação escolar indígenas.

Mais Educação foi um projeto de pesquisa realizada na aldeia paiter linha 09, que veio somar o papel da escola e comunidade, a decisão não foi só da CRE, mas sim com a decisão da comunidade, professores indígenas e CRE, para que este levar a valorização dos alunos para sua própria cultura, arte e identidade, além de os alunos frequentarem a educação da sociedade envolvente, a intenção de implantação deste projeto foi para valorização cultural do paiter e como também levar a vida dos alunos para as práticas educacionais.

Mais Educação incentivou os alunos a compreender o valor da cultura, arte e o conto mito paiter e também na área de agroecologia que tiveram as técnicas de plantio de mudas de plantas frutíferas nativa e domesticas, hoje a vida dos alunos dentro da aldeia teve avanço com a relação da valorização do etnoconhecimentos, pois cada que participaram das oficinas de confecção de artesanatos produzem seus próprios artesanatos independente da sua mãe e pai, que antes os alunos não faziam artesanatos devido de saber fazer ou falta de interesse, percebo que depois de ter participado do projeto Mais Educação os alunos tem afinidade de praticar os trabalhos de artesanatos por conta própria.

Por tanto este projeto de Mais Educação veio caracterizando a educação escolar da aldeia paiter linha 09 e os alunos para os ensinos de qualidade, específicos e diferenciada e também de modo que a comunidade indígena anseia o funcionamento da escola dentro da aldeia, na minha perspectiva através deste projeto os alunos pode manter a cultura e tradição viva revitalizando perante à cultura dominante.

A partir desse projeto pretendemos dar continuidade aos alunos promover uma noite cultural e feira cultural dentro da escola com a toda participação dos professores indígenas, comunidade, equipe do setor da educação escolar indígena da CRE – do município de Cacoal, para que os alunos compreendem também a culinária paiter. No entanto é possível através do projeto realizado na escola promover a aprendizagem balanceado dos alunos em duas culturas e que os alunos tiveram benefício de conhecimento através do projeto de Mais Educação.

2 METODOLOGIA

A pesquisa, desenvolvida na aldeia Paiter linha 09 da etnia Paiter Surui, possui uma abordagem qualitativa.

Foram feitas leituras e apontamentos em textos de vários autores que consubstanciaram a escrita do trabalho.

Foram realizadas entrevistas com os professores voluntários do projeto Mais Educação, com lideranças Paiter, professores, alunos, sabedores e outros membros da etnia sobre o projeto e alguns resultados das etapas.

Dessa forma, os sujeitos da pesquisa foram os professores, alunos, lideranças e outros membros da comunidade da aldeia Paiter linha 09 considerados como pessoas com alto grau de conhecimento na cultura da etnia.

Os dados para a pesquisa foram produzidos por meio de entrevistas e questionários com perguntas abertas, oficinas realizadas com alunos, professores e sabedores, envolvendo ações da educação indígena na educação escolar indígena, como produção de artesanato, confecção de maquetes de malocas originais, pintura corporal e atividade de pesca.

Também, foram feitos registros fotográficos e vídeos que permitiram uma melhor interpretação dos resultados na análise dos dados produzidos.

3 ENTREVISTAS COM O CACIQUE, SABEDORA E ALUNOS

Neste capítulo refletirei sobre a educação paiter antigamente e como a educação paiter está nos dias atuais. Para isso utilizamos a entrevista tendo como orientação a técnica utilizada pela história oral, ou seja, a transcrição, textualização, o texto na língua paiter optamos para deixar como na transcrição. Seguem as entrevistas com cacique Rafael Mopimop Surui (Figura 1) que foi também monitor de Mais Educação de história, com a Sabedora indígena Inceri Surui e com os estudantes Allison Surui e Meire Waled Agoa Pekabig Suruí, realizadas no dia 18 de janeiro de 2016, na aldeia Paiter, linha nove, município de Cacoal.

Entrevista 1

Com o cacique Rafal Mopimop Suruí



Figura 1 – Rafael Mopimop Surui.

Fonte: Gamalono Surui.

Lingua Paiter

PESQUISADOR GAMALONÔ SURUI: kanã paremã sonã mater pawemakobah tar mã? Kanã emã Mais Educação same ikin?

CACIQUE RAFAEL MOPIMOP SURUÍ: Mater paen Paiter perede sonã amã soe same mi apûk akobah we itxa tar e, pamakobah we peredenã sonã iwe same pit e, õhne palo alaih enã, iwe toraã palo maga omimareh we detenã e. Paiter kobame we denã perepit e enã e,

enekûn iter paiter perewe om dena kobar enã e, amã soh itxa aladeka palo denã perewe pit e, eyap e tohta teh paladenã ãh gûnã ani e.

Ãhna oje Mais Educação same ikin e, mamûk aga yara mã soeka teneh akobareh pajenã pamãsoe ka sodihg ey akobah we same maga e paite same tohta e, ewe nekoy sodihg sadenã amasoe same itxa yara ite itxa alaba ani e.

Ehbo Mais Educação deor manuk ey akobah tamasoe ka e, eyap e nekoy taje akobah amã soh magap e ka e, enã sodihg ah sade amasoe pit i yara ite ika amakobah eka enekoy mamuk sadenã aye õhne amalaht e mãtixe ener enã aye ma e, ehbo laht nã alaba kobame amalaht emi.

Ãmi laht sadenã sodihg ah ka alade akobah ewe mãga ani e, aite itxa, yara ite ka alade akobah etiga, mawetwhre emi laht sadenã yara pi akobah ãkat ah mi ani e, ohne amã laht e mãtxeh, ehbo oya paiter napoh yele itxa.

Ehbo sodihg ah eyõh yara de laht ga e esadenã ximalaht eka baga the ani e, ewe nekoy paen laht sadenã pamalaht emi sodihg ah itxa ani é. Enekûn oje enã “wini” ya mater baga mamuk ey kayã weka tamakobah eka, eyap e nekoy tasadenã iwe itxa ãkat ah mi ena e, wini perewawe ka te oje tamakobah e, eyap e mi mamuk sade iwe wa ãkat ah mi e.

Enã oje Mais Educação deor mawe tehre nã tehr aor enã ãh kao mi, mamuk akobah we same itxa enã e, eyap e denã iwe pit e nã aor enã e.

Versão para o Português

PESQUISADOR GAMALONÔ SURUÍ: Como era a educação Paiter antes do contato? Como acha o projeto Mais Educação na aldeia paiter.

CACIQUE RAFAEL MOPIMOP SURUÍ: Antigamente nós Paiter tinham nosso próprio de educar os nossos filhos, e essa educação era muito valorosa para entre nós Paiter, não transmitiam para qualquer pessoa que não faz parte do grau de parentesco, devido do medo de alguém tomar essa riqueza de conhecimento, assim surgiam classes sociais familiares, pessoas que não recebeu a educação, ou seja, aquele que não obedeceu ao seu pais, tios maternos ou paternos e avôs consideravam como os dias atuais existem analfabetos e Doutor, Paiter que confeccionavam muitos artesanatos através do conhecimentos que recebeu dos pais, assim como também no conhecimentos de contos de história, essa considerava como pessoa rica e o que não recebeu consideravam pessoa pobre. Atualmente o resultado desta, mostra que muitos Paiter contam as histórias erradas e mudam da realidade de história o que era certo e também algumas pessoas mais velhas não sabem bem as técnicas de confeccionar os artesanatos e contar história.

No decorrer do projeto Mais Educação, observei e avaliei que esse projeto Mais Educação com a relação da educação escolar indígena e educação indígena, trouxe grande oportunidade para levar os conhecimentos dos alunos para sua educação tradicional, com esse projeto os alunos são capazes levar dois conhecimentos ao mesmo tempo, indígena e não indígena, dando valor as duas culturas que praticam, assim os alunos indígenas não misturem a sua cultura com a cultura envolvente.

A escola eu entendo que essa é um corpo estranho para nós indígenas, não indígena nos deu de presente, e esse presente pode nos destruir, acabar com a nossa cultura e costumes senão põe as regras de acordo com a nossa realidade. Por isso colocamos o projeto Mais Educação voltado para ao conceito da educação escolar indígenas.

Trabalhei voluntariamente no projeto Mais Educação sobre o conto de mito “Wini” e a música do Wini, onde Wini era o pássaro que levou as crianças para o céu, esse trabalho levou os alunos a conhecer a história desse mito e também motivou a cantar o cântico do Wini, não só os alunos, mas todas as crianças que estavam envolvidos.

O projeto Mais Educação mudou os comportamentos dos alunos, vejo que eles estão praticando a sua cultura, pode até mudou um pouco para valorizar a sua cultura.

Análise da entrevista 1

Baseando-se na entrevista com o cacique Rafael podemos perceber o grau de importância no que se refere ao projeto Mais Educação pois como no início de sua entrevista que antes do contato com a sociedade envolvente o povo Paiter tinha sua própria educação como declarou o cacique na entrevista:

Antigamente nós Paiter tinham nosso próprio de educar os nossos filhos, e essa educação era muito valorosa para nós Paiter, não transmitiam para qualquer pessoa que não faz parte do grau de parentesco, devido do medo de alguém tomar essa riqueza de conhecimento, assim surgiam classes sociais familiares, pessoas que não recebeu a educação, ou seja, aquele que não obedeceu ao seu pais, tios maternos ou paternos e avôs consideravam como os dias atuais existem analfabetos e Doutor [...] (MOPIMOP, 2016).

Principal educação do Paiter era levar o conhecimento dos filhos ao grau de parentesco para que o filho tenha maior respeito com os seus parentes, depois com os conhecimentos das práticas dos artesanatos, a educação Paiter era classificada de acordo com o gênero dos conhecimentos, os responsáveis da educação dos filhos são avôs, tios paternos e maternos, as vezes os pais experientes ensinavam os filhos.

Com a relação de casamento também faz parte da educação Paiter, onde os avôs paterno e materno aconselham as filhas a orienta-la na vida do casal, ensinando a ela como deve tratar o marido, ensinar a praticar a cultura e tradicional do Paiter e toda responsabilidade de assumir o casamento. Os avos e tios paternos e maternos são responsáveis pelo casamento da filha, o casamento preferencial entre os Paiter, é o da menina com o tio materno. Por tanto a educação Paiter era tudo na base dos seguintes processos, grau de parentesco “clãs”, práticas de confecção de artesanatos e casamentos.

Percebo na entrevista do cacique Rafael Mopimop Surui que a escola Paiter eram os pais, atualmente nós Paiter temos lugar apropriado para ensinar os filhos que é a escola que temos hoje e essa pode apossar os seus conhecimentos se não tiver regras, através de Mais Educação tivemos a oportunidade de retomar a nossa educação tradicional, levar os conhecimentos dos alunos para dentro da cultura tradicional, valorizando as duas culturas em busca de interculturalidade, no que diz (RECINEI, 2005, p. 24): Por que devo reconhecer e manter a diversidade cultural e linguístico, promover uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, linguístico e históricas diferentes, não considerando uma cultura superior a outra; estimular o entendimento e o respeito entre os seres humanos de identidades étnicas diferentes; ainda que se reconheça que tais relações vêm ocorrendo historicamente em contextos de desigualdade social e política.

Entrevista 2

Entrevista com a Sabedora Inceri Surui, feminino, idade 65 anos.



Figura 2 – Inceri Surui.

Fonte: Gamalonô Surui.

Lingua Paiter

PESQUISADOR GAMALONÔ SURUÍ: mageter eset mamã? kanã emã palomakobat nã Mais Educação same ikin?

INCERI SURUÍ: Olet danã Inceri anã e, ehbo ojena Mais Educação ka sodih ey akobah enã e, larpiahp emãga we ka e, eteh oje xameomi iwe kûy ikin e, mamuk ey akobah oje walet a soeka eka e, mageter ojenã ewe ka tehla meyakobah poh enã takay e, ehbo oje taneikin enã maga e, eyap emãga oje pi oje meit emãga mã takay e, eyap emãga tajenã amûyxar e, ehbo ojenã tamakobah muy a soenãme ka e, eyap mi oje agoyap emãga eka tamakobah maxiteh e, enã ojena onebakobay ey emakobah walet emasoe ka enã xakalar agatikat ewe tohta enã e. Eyap e same ikin oje ãhna e, akobah bo sodihg ey xinã ih e, yara ite ka alade akobah ewew kahla itxa, aite kahla itxa alaba.

Versão para língua portuguesa

PESQUISADOR INCERI SURUI: Primeiro, fala seu nome? E como monitora de Mais Educação qual é a sua avaliação?

INCERI SURUI: Meu nome é Inceri Suruí, sou uma das monitoras de Mais Educação, fico muito agradecido por ter escolhido, com muito prazer aceitei a voluntariar o projeto Mais Educação, assim fiz meu planejamento em cima daquilo que vou ensinar, durante um mês ensinei a tecer larpiahp (cinturão). Este é um dos artesanatos mais usado na festa tradicional do povo Paiter Surui, assim também como uso diário do Paiter, larpiahp pode ser simples ou

com enfeite de penas e colares, por isso ensinei as minhas alunas com toda técnica de aprendizagem passei a elas, cada aluna praticava um pouco a confeccionar larpiahp.

No outro mês cada aluna produziram o seu trabalho de acordo que ensinei, algumas alunas tiveram dificuldade mesmo tinha aprendido, orientei aquelas alunas que ficaram com a dificuldade. Durante a execução do projeto Mais Educação, percebi que este projeto trouxe oportunidade aos alunos a valorizar as suas práticas culturais, por que os alunos tinham a hora de frequentar as aulas na escola e a outra aprender o seu próprio educação tradicional, por tanto observo que os alunos, diariamente frequentam o processo de aprendizagem, tanto na sua cultura como na outra.

Análise da entrevista 2

Com a entrevista da monitora Incerí Surui, percebemos que o projeto Mais Educação trouxe a oportunidade para os alunos a valorizar e praticar as suas culturas tradicionais na sua vida cotidiana escolar, levando os conhecimentos balanceada na educação diferenciada. Para tanto o monitora ensinou as suas alunas com um artesanato indispensável de uso durante ao evento da festa tradicional, percebo também na fala da monitora que os alunos convivam na sua vida cotidiana num processo de aprendizagem na aldeia como tradicional e não tradicional.

Entrevista 3:

Entrevista com o aluno Allison Oy Itetehre Suruí

Entrevistas realizadas de forma abertas com os alunos de Mais Educação, nesta seção refletiremos sobre aprendizagem e avaliação do projeto realizado na escola indígena Izidoro com os alunos Allison Oy Itetehre Surui do 8º e Meire Waled Agõa Pekabig Surui do 6º ano do ensino Fundamental.



Figura 3 – Allison Oy Itetehre Surui.

Fonte: Gamalonô Surui.

PESQUISADOR GAMALONO SURUI: eset mamã? Kanã emã Mais Educação ikin een de ekobah ewe iway nyã?

Língua Paiter:

ALLISON OY ITETEHRE SURUI: Olet danã Allison Oy Itetehre wa e, eteh ladanã sodiga Izidoro ka 8° ano ani e, ahnã lade Mais Educação emã oen de okobah ewe mi ani e, okobah teh oje yara masoe ka sodiga ka e, okoe ka, eyap eitxa mawe tehre nã ter ãh kao mi sodige de, toya soe ka toy akobah, eyap e denã xameomi iwe magûy iter ogabi e, nan e nãh omakobah ajeor ahnã ema soe magah eka, eyap e tohta ladenã enã bo paiter sa amasoe emãga anipoh okobah we mi e, yap, gapeh, wini mam e, goe same pit, yara masogahy e, wexomã ewe itxa enã ewe sa anipoh enã e.

Versão para língua Portuguesa

PESQUISADOR GAMALONO SURUI: Fala seu nome? Como aluno de Mais Educação, fala a importância deste projeto?

ALLISON OY ITETEHRE SURUI: Meu nome Allison Oy Itetehre Surui, estudo na escola indígena Izidoro 8° ano, como participei de Mais Educação digo que este projeto foi muito ótimo para minha aprendizagem, aprendia as coisas que não é da minha cultura, só na linguagem paiter aprendia na escola, neste ano o ensino veio diferente maneira de ensinar, esta maneira de ensino foi muito importante por que tivemos aulas diferenciadas aprendendo conhecimentos paiter e eu aprendi como fazer flecha, cocar, conto de mito wini, linguagem padrão paiter, plantio de hortaliça, viveiro e pintura corporal do meu povo.

Análise da entrevista 3

Refletiremos a fala do aluno Allison Oy Itetehre Surui sobre o projeto Mais Educação, percebo na sua entrevista que na escola a aprendizagem dos alunos em relação a cultura são as teorias e não as práticas, por tanto nesse projeto tiveram a oportunidade de aprender as práticas de confeccionarem os artesanatos do povo, assim também como pinturas corporais e aprendizagem de língua padrão e nesse sentido a escola pode se caracterizar a escola indígena Paiter e se torna como um sujeito de fortalecimento cultural.

Entrevista 4

Entrevista com a aluna Meire Waled Agoa Pekabig Suruí.



Figura 4 – Meire waled agõa pekabig Surui.

Fonte: Gamalonô Surui.

Língua paiter

PESQUISADOR GAMALONO SURUI: eset mamã? Kanã emã Mais Educação ikin ekobah eje ewe mi?

MEIRE WALET AGÕA PEKABIG SURUI: Meire ojanã e, et hoje Mais Educação kateh okobah ikãy ey xade sodihg ey akobaramã ewe ixta teh e, ehbo toyakobah we de walet a somãga we ka e, eyap we nekoy ladenã ãhwe ka boya okobah walet a soe nã poh yele same itxa e, nitih, ahdo, akape, lobeah, larpiahp, ehbo omakobah yakade edenã mãgeter ahnã te iwe sa anoporeh ogay e, eyap mi eite maga mãh ogay okobah oje ewe tohta, ewe nekoy gobah denã omakobah tehr enã e, ohne omere de sonã ee oje maga we ka okobah ewe itxa ener e, eyap e mi ladenã gũa maga ani e, eteh enateh iwekũy aã ojena kobame lade iwe pãy eka ani e. Mais Educação deor omakobah teh aor omalat e eka omakobah e ehbo lade yeteh iter a ikay e.

Versão para língua Portuguesa

PESQUISADOR GAMALONO SURUI: fala seu nome? Fala o que você aprendeu no Mais Educação?

MEIRE WALET AGÕA PEKABIG SURUI: Eu sou Meire Walet Agõa Pekabig Surui, participei também de Mais Educação, minha aprendizagem foi no trabalho feminino, sei fazer naquilo que eu aprendi como cesto, balaio, esteira, panela de barro e cinturão, gostei muito da maneira da minha aprendizagem, primeiro todas monitoras faziam os trabalhos nos ensinando as técnicas e como fazer, depois pediam pra cada alunas fazerem o seu e nos orientavam, por isso aprendi mesmo e gostei fazer todas o que a monitora me ensinou, hoje tenho essa prática pra fazer sozinha e agora gosto de praticar fazer artesanatos. Mais Educação veio me ensinar a praticar minha cultura e meu costume indígena.

Análise da entrevista 4

Também percebemos do projeto na aldeia Paiter linha 09, veio motivar os alunos indígenas desta comunidade na sua cultura tradicionais, com o resultado deste projeto os alunos já sabem fazer próprio si a confeccionar o que produziu sob a orientações das monitoras, por tanto o projeto veio a compensação para os alunos tentar assegurar a valorização sua cultura seja forte ainda.

4 AS ATIVIDADES DO PROJETO MAIS EDUCAÇÃO

Durante a execução do projeto Mais Educação, escolhemos 15 monitores voluntárias, 05 masculinos experientes e 05 femininos na área da cultura, onde estes irão trabalhar na confecção de artesanatos e conto de história e memória, cada voluntário tem dois meses de trabalho, dentro da cultura os trabalhos são divididos em duas turmas, de acordo com o gênero de conhecimentos, os conhecimentos masculinos são: confecção de cocar, arcos, flechas, caças, roças e derrubadas, orientar os filhos como tratar a noiva ou esposa, levar os conhecimentos dos filhos sobre clã e governança do povo Paiter enquanto o conhecimento feminino são as confecções de colares, anéis, cinturão, redes, preparo de comidas, como tratar o noivo ou esposo, cerâmicas, ser responsável pela reclusão da filha e orientar a filha de como cuidar o filho.

Ao começar o trabalho do projeto, escolhemos dois monitores na área da cultura, masculino e feminino, um para área da agroecologia e um acompanhamento pedagógico durante dois meses, em cada dois meses monitor de cada área trocavam menos o acompanhamento pedagógico.

Primeiro monitor trabalhou com o conto de mito “Wini”, com os alunos de ensino fundamental, este trabalho foi realizado no local escolhido pelo monitor, durante dois meses e uma hora e meia de aula, questões orais aplicadas pelo monitor e na sala de aula trabalhavam com a transcrição do texto em língua materna e a ilustração do texto. E com o conhecimento feminino a monitora trabalhou com a confecção de “larpiahp” cinturão, também durante dois meses, no primeiro dia do trabalho ela falou sobre como irão acontecer a aula, impondo as regras, materiais que precisarão, método de seu trabalho e o valor de artesanato para o povo. Primeiro a monitora teceu larpiahp ensinando as técnicas de confecção até concluir o trabalho, depois ela pediu para cada aluna fazer larpiahp individualmente sob a orientação dela, todas aprenderam com ela com a afinidade de conhecer e praticar a sua cultura.

Na área de agroecologia foi escolhido quatro monitores voluntários, dois formado no IFRO – Cacoal e mais dois com o conhecimentos experientes na área agrícola, foram trabalhados aulas teóricas e práticas sobre o canteiro de hortaliças e construção de viveiro de mudas de plantas frutíferas nativas e domésticos, na aula teórico de canteiro foram estudados os espaçamentos entre canteiro e plantio de hortas, coentro e cheiro verde e no outro dia teve aula pratica sobre o plantio de hortaliças como tomates, alface e belringela, assim como no viveiro também foram os espaçamentos entre os canteiros e a dimensão quadrada de área geral e na aula prática construção do canteiro e depois encher as mil sacolinhas para mudas.

Com o acompanhamento pedagógico o monitor Urupingamá Suruí fazia observação de aula dos professores língua portuguesa, matemática, conhecimentos gerais e alfabetização para ver o grau de conhecimentos dos alunos dentro das disciplinas, com isso elaborava o planejamento de aula para trabalhar em cima das dificuldades dos alunos no horário especial, os alunos tinham mais dificuldades nas disciplinas de língua portuguesa, como na interpretação de textos e matemática nos quatro operações ao resolver, os alunos de alfabetização teve dificuldades de fazer leituras em português e também na língua paiter principalmente na ortografia ao escrever. Cada monitor teve uma hora e meia de aula por dia, sendo assim durante dois meses de aula para cada monitor teve o bom aproveitamento de buscar conhecimento na cultura paiter, enquanto acompanhamento pedagógico trabalhava

Durante o projeto Mais Educação comunidade da aldeia Paiter linha 09, tiveram uma mudança em relação a sua convivência na aldeia, devido as realizações de aulas práticas desenvolvidos pelo projeto Mais Educação no sentido de atividades voltada nas práticas culturais.

4.1 Avaliação do Projeto

O projeto Mais Educação na aldeia Paiter linha 09, foi um sujeito que pode somar a comunidade e escola para fortalecer e manter a cultura viva e forte perante a outra cultura dominante, dentro da aldeia Paiter linha 09. O projeto pode caracterizar a escola Izidoro de Souza Meireles numa escola indígena.

Este projeto motivou muitos alunos a praticarem a sua cultura tradicional, mudaram os jeitos da convivência dos alunos na aldeia, próprios alunos cantam músicas na sua língua, praticam os tipos das pinturas corporais que o povo usa, realizam a confeccionarem os artesanatos que aprenderam fazer com os seus sabedores. E que antes não fazia essas práticas, mas percebo que mudou a vida do Paiter, antes do projeto os pais dos alunos não orientavam e nem aconselhavam a praticar a sua cultura.

A escola junto com os professores e os sabedores da aldeia levavam os conhecimentos dos alunos nas teorias da mitologia, artes, linguagem, práticas culturais, ou seja, na educação Paiter, por tanto que o projeto veio somar na valorização da cultura os professores indígenas e não indígenas, comunidades e a escola. Até as plantas nativas os alunos conheceram as espécies das plantas frutíferas, outros já conhecia pelo nome e os outros não, mas pelo projeto alunos já conseguiram conhecer alguns conhecimentos Paiter.

Esperamos que a escola e os professores juntamente com a comunidade garantem os ensinamentos específicos e fortalecimento da sua própria cultura para garantir a suas identidades e prevalecer para as suas gerações futuras, pois a cultura dominante vem sendo forte para extinguir a sua cultura. Por isso PPP (2017) da escola Izidoro de Souza Meirelles diz no seu objetivo: A Educação Básica da escola Izidoro de Souza Meirelles tem os objetivos que buscam respeitar os aspectos socioculturais da comunidade indígena, garantida pela legislação em vigor, ou seja, a valorização social e cultural, o resgate e a manutenção da memória étnica e histórica, da língua materna e das práticas tradicionais. Contribuir para que se efetive o projeto de autonomia dos povos indígenas, a partir de seus projetos históricos, desenvolvendo novas estratégias de sobrevivência física, linguística e cultural, no contato com a economia de mercado.

4.2 Continuidade do Projeto

Em dezembro de 2016 projeto Mais Educação teve a sua finalização por parte do governo Federal, mas pelos professores através da escola e do trabalho de afinidade de valorizar e transmitir a sua cultura aos seus alunos o projeto teve a sua continuidade no ano de 2017. Começamos pela confecção de rede tradicional do povo Paiter, onde este tinha três semanas de duração, depois realizamos três processos de bater timbó um processo de pesca tradicional do povo Paiter que realiza na época da seca entre final de mês de julho até mês de setembro. A importância da realização de pesca tradicional dentro de Mais Educação é ensinar aos alunos no papel e dever de liderança Paiter dentro do seu povo ou grupo e a responsabilidades e atribuição do líder para conquistar o seu povo, porque o papel da liderança Paiter é bem diferente do não indígena, como: honestidade, humilde e simples.

Teoricamente isso foi aplicado e discutido com os alunos na sala de aula, com as disciplinas de língua materna e a cultura do povo, sempre estudamos as teorias e práticas de fundamentos de linguagem e as culturas tradicionais do seu povo, a partir dos gêneros de conhecimentos deste povo. Por tanto a partir do papel da escola como integradora na comunidade indígena, precisam-se direcioná-la dentro da especificidade, qualidade e diferenciada.

4.3 Processo de Bater Timbó

Na continuação de projeto Mais Educação, realizamos três processos de bater timbó, primeiro e segundo realizamos nos igarapés só com os alunos e uma mulher para fazer comida durante a atividade e na terceira realizamos no rio guapó com os alunos e comunidade da aldeia, este rio é o terceiro maior da terra indígena Paiter sete de setembro. Tivemos essa ideia para ensinar os alunos e alunas paiter da escola indígena Izidoro de Souza Meirelles de mostrar os procedimentos tradicional de bater timbó que é uma pesca tradicional do povo Paiter e também o que ela contribui para uma educação paiter e currículos escolares das escolas indígenas.

Mostrando-se aos alunos o modo da convivência coletiva do Paiter Surui, para que os alunos se compreendem a vida tradicional do seu próprio povo e nesta atividade envolve vários conhecimentos em relação a currículos escolares das escolas indígenas como: Cultura do povo, Geografia, Etnomatemática, arte e a Linguagem. E o que mostra a Figura 5.



Figura 5 – Cipó markap sendo cortado pelo indígena.

Fonte: Gamalono Surui.

Esta imagem é uma espécie de cipó que é conhecido timbó na língua portuguesa e nós Paiter conhece por nome de “markap”, que é um instrumento que usamos para a pesca tradicional que possuímos dentro da nossa cultura. Antes de levar para o rio, ela deve ser cortada de uma determinada tamanho dependendo da pessoa que fica responsável por esta tarefa, podemos identificar também nesta imagem que a classificação, corte num mesmo tamanho e toda organização de forma que vai para dentro do rio.

A prática de bater timbó tem os seguintes métodos: cada pessoa que bate o timbó precisa ter o par, para que ele jogue a água ao bater timbó e faz o revezamento desta prática entre o par (Figura 6). As pessoas que batem o timbó são chamadas ihtxag no idioma Paiter.



Figura 6 – Indígenas batendo timbó.

Fonte: Gmalono Surui.

Na Figura 7 relata que as mulheres, ou seja, alunas no final de atividade colaboram as suas participações a classificar os tipos de peixes para facilitar a distribuição entre as famílias e não participantes, ao distribuir todos recebem igualmente, mas se por acaso sobrar alguns peixes dois ou três o líder do grupo fica.

Neste contexto na sala de aula explicamos aos alunos que o Paiter possui matemática no momento da distribuição como divisão, multiplicação e a adição e também em outros momentos das atividades como plantações, festas tradicionais, pinturas corporais e caças, os idosos não sabem ainda os nomes destas operações que é matemática, mas os jovens hoje sabem através da escola entendam desta forma: somãpariht e = divisão, somãkakoh we = multiplicação, somãoar = adição.

Todas essas operações de matemática envolveram no processo de bater timbó; divisão foi realizado na distribuição de peixes e também distribuição de grupos para realizar bater timbó, multiplicação ao juntar peixes antes da distribuição, adição ao juntar os peixes a cada tempo de intervalos. Dizem que Paiter usam os mais jovens para que o processo de bater timbó aconteçam e os mais velhos ficam como orientadores, pois assim os paiter façam que os conhecimentos aconteçam passar de geração para geração.



Figura 7: Mulheres classificando os tipos de peixes.

Fonte: Gamalono Surui.

Todas as técnicas das práticas culturais que possuímos são as nossas artes paiter, como os cânticos, técnicas de regras durante do processo de bater timbó, pinturas corporais ao apresentar danças no final de atividade, uso de linguagem própria durante ao bater timbó, etc, isto os alunos precisam conhecer na prática.

Quais os procedimentos de bater timbó na cultura Paiter?

Para realizar o processo de pesca tradicional “bater timbó” primeiro passo o chefe convoca os membros do grupo inclusive cunhados e genros para falar que vai bater timbó, cunhados e genros são obrigados a participarem, após de todos aceitarem a proposta do chefe, o chefe escolhe as pessoas de confiança e indicam a eles as funções que serão exercidas durante de bater timbó e os restos dos membros seguem as orientações dos líderes.

Um dia antes todos participando irão buscar os timbós, e no mesmo dia três pessoas vai à procura de casca de madeira tamboril para por dentro dos blocos, outro grupo vão fazer barreiras para impedir a passagem de peixes, outros que vão bater timbó. Antes de começar a bater timbó o chefe maior combina com os dois líderes o horário de intervalo, esse horário não é um horário de horas, mas sim o tempo ocorrido de 80% de resultados alcançados esperado, depois de intervalo quando deu totalmente o resultado esperado, o chefe pede-se parar e reúnem os membros para formarem os grupos aos pegarem os peixes. Ao sair o chefe marca o lugar aonde vão se encontrar, os grupos passam todos os peixes ao chefe para que eles distribuem para as todas as pessoas que foram envolvidos desta atividade, no dia seguinte voltam ao rio para pegar os peixes, onde serão aplicadas mesmas regras da distribuição de peixes e a distribuição é feita todos iguais.

Segundo Anciã Inceri Surui diz que: Existem regulamento de bater timbó para o Paiter, chefe organiza as pessoas que foram escolhidos para encarregar as tarefas, uma pessoa fica responsável para verificar se os peixes estão morrendo, outra para amarrar timbó para levar dentro do rio onde estão as pessoas batendo timbó. É proibido ficar muitas gentes na beira do rio, pois quando os peixes começam a morrer e vê as pessoas os peixes dificilmente vai ficar boiando na água e começar a ficar morrendo no fundo do rio e assim dá menos rendimento de resultado.

Qual é o efeito de timbó para água e para o peixe? O timbó é uma espécie de cipó que possui a resina escura e que o Paiter chama de timbó “markap” quando a água fica escura começa a perder oxigênio, por isso os peixes morrem e a outra que é casca de madeira tamborí que o Paiter costuma colocar no meio do timbó que é também chamado na língua Paiter “Iarpiahp. Este possui espuma e dá efeito aos peixes ardendo os olhos dos peixes.

No encerramento da atividade o chefe convida todos para desenhar as suas músicas para cantar, mas esse cântico refere-se ao nome ao Martins pescador, pois essa ave é o maior pescador do rio.

Os tipos de peixes que conseguimos na pesca tradicional bater timbó foram; pacú, mandí, mandí prata, piranhas, piau, traíra e a curimba, esses que morreram mais, além dos lambaris. Foi desta maneira facilitaram para os alunos conhecerem os tipos de peixes que ainda não conhecia, não só os alunos, mas também as crianças que ainda não frequentam a escola. É importante ensinar os nomes dos peixes aos alunos que não conhecem, principalmente na fonologia e a escrita Paiter, pois alunos ainda não sabem.

Quadro 1: Nomes de peixes nos dois idiomas.

LÍNGUA PORTUGUESA	LÍNGUA TUPI MONDÉ (PAITER)
PACÚ	MORIP KABEH
MANDÍ	YOIRAH
MANDÍ PRATA	MORIP AH AGÃÛHD
PIRANHA	YEY AH
PIAU	IHXAH
TRAÍRA	MÃBOH
PEIXE ELETRICO	GOPĀMAH
ARRAIA	IHPEH
CURIMBA	IA AHP

Fonte: Gamalonô Surui.

4.4 Maquete da Maloca Paiter

Juntamente com os alunos da escola Izidoro de Souza Meireles da aldeia paiter linha 09, construímos o maquete da maloca tradicional do povo Paiter surui, mas a ideia é trazer esse conhecimento do povo para dentro da escola para que os alunos conhecer melhor praticando a fazer aprendendo como se fosse uma construção verdadeira da maloca e que esse maloca chama-se pelo não indígena “OCA”, enquanto esse é conhecido pelo paiter na sua língua materna “LAB” que significa residência ou moradia.

Antigamente antes do contato os Paiter moravam na maloca que tinha formato elíptico, onde ficavam vários grupos de família, devido a isso o tamanho da maloca, ou seja, casa tradicional Paiter era enorme. Em Mattos e Ferreira Neto (2016), podemos encontrar um pouco da construção de maloca original do Paiter.

A Figura 8 mostra onde os alunos participaram da construção dentro do projeto Mais educação, mas a ideia de construção desse maquete é trazer esse conhecimento para os alunos e também como memória de obra Paiter e que o mesmo ficaria na unidade da escola para

amostra, essa construção foi feita pelos alunos de ensino fundamental II e os alunos do ensino médios.

Os materiais que foram utilizados para construção são: imbirema (para extrair cordas), ipê (extrair casca grossa para fazer mini saia), bambu (para envergar com facilidade) palha de babaçu (para cobertura) e os troncos para as estruturas gerais.

Todos esses materiais que foram usados na construção de maquete são conhecidos pelo paiter; wabeb= corda, lapeh=ipê, makor=bambu, pasap ah=folha de babaçu.



Figura 8 – Alunos trabalhando na construção da maquete da maloca.

Fonte: Gamalono Surui.

Nesta construção convidamos anciã Inceri Surui para falar das partes da maloca na língua materna para os alunos, pois essas palavras são linguagem que os jovens ainda não conhecem devido de não participado nenhuma construção de maloca na vida, as linguagem usado nas partes da maloca são: lab ohpe que significa em português coxa da casa (é uma estrutura mais grossa), lab gahr = estrutura da casa, lab weh = fundo da casa, lab gabel = lateral da casa, lab abiiib = estrutura da parte da cumeeira e lab edohk = porta secreta por onde sai escondido do inimigo, são esses linguagens atual geração não conhecem ainda.

Ainda identificamos durante a construção o uso de matemática como: medidas de espaço para maloca grande 25m x 8m, mas essa maneira medida fica a critério de cada construtor medindo com a vara ou outro mede com base intenção como deveria ser. O Paiter chama de casa grande “lab moy”, casa de tamanho médio “lab gorúb” e casa pequeno “lab exin”.

Na fase de inicial de construção identifica-se triângulo, retângulo, reta e a curva, mas desenho da maloca pode-se localizar onde trabalha-se os ângulos de vários graus. Segundo **Inceri** diz que: “é muito importante e interessante os alunos conhecerem vários conteúdos que existem em uma só atividade Paiter, para que os alunos tenham as compreensões concreta nos sua aprendizagem como enfrentamos dois mundos hoje para valorizar as duas culturas”.



Figura 9 – Anciã ensinando os alunos a amarrarem a palha.

Fonte: Gamalono Surui.

Nesta fase de conclusão de maloca a anciã sempre está junto para ensinar os alunos como era a construção da maloca, organizando quantos palhas devem ser juntas amarradas em cada fileira, e como deve ser amarrada. A anciã foi escolhida porque ela foi a esposa de um grande líder do povo surui antes do contato com a sociedade envolvente e sempre esteve ao lado do seu esposo em todos movimentos que ele fazia, por isso ela tem muita experiência na sua cultura assim na sua educação tradicional do seu povo.

4.5 Pintura Corporal do Povo Paiter

A pintura corporal do Paiter é uma arte que está na alma do povo ou seja de cada pessoa artística, por isso ela é uma identidade do povo e se caracteriza ou identifica de um determinado etnia, povo Paiter possui o tipo de seu grafismo: xikûr (pássaro de papa formiga que fica na beira do rio), meko (onça), mekoud (jaguatirica), tamarih abegap (jacamim), alapibih kây (pintura na testa), gopeb (pintura na boca ou boca preta) e makar (trança de cesto).

Nas figuras 10 e 11, observa-se que essa pintura corporal do povo paiter surui que usa na festa tradicional como: mapimai (festa de criação do mundo), ihtxag e (bater timbó), gamãgareh (fazer roca), gakora we (caça coletiva), etc., tem diferença entre a pintura de gênero para masculino e feminino que o mesmo nome da pintura “xikûr”



Figura 10 – Pintura feminina xikûr.
Fonte: Celso Lamitxab Surui.



Figura 11 – Pintura masculina xikûr.
Fonte: Elizete Cinta-larga.

No corpo do homem essa pintura se faz entre a linha reta e as pontilhadas até antebraço e a cintura, enquanto da mulher se faz só com as pontilhadas no corpo inteiro, os riscos que ficam entre ombros como a linha curva quase são os mesmos, as diferenças da mulher e que no centro do tórax tem a forma de triângulo, essa diferença de risco entre ombro tem o nome, da mulher conhecido por paiter como “wekõreh”, do homem também conhecido por nome de “oykoh paribeah” e também conhecido pela abreviação de nome por “maribeah”. Esses conhecimentos são muitos importantes para o trabalho de interdisciplinar na sala de aula, temas fundamentais para a memória do povo.

Também existe diferença nas pinturas das Figura 12 e 13. Na Figura 12 temos a pintura conhecida pelo Paiter como meko, “onça”, e na Figura 13 tamarilh abegap, “jacamim”, que são usadas nas festas preferencialmente pela pessoa que gostem. Diz-se na cultura paiter meko “onça” é um animal feroz, por isso o paiter se identifica como feroz se usa essa pintura de meko, já tamarilh abegap é a pintura do jacamim que é usado mais nas crianças. Pintura do meko e tamarilh abegap são pintura usadas no cotidiano dos jovens paiter.



Figura 12 – Pintura meko.

Fonte: Gamalono Surui



Figura 13 – Pintura tamarilh abegap.

Fonte: Gamalono Surui.

Segundo Paiter diz que o uso da pintura faz bem para pele saudável, devido a isso antigamente os Paiter usavam-se diariamente e também que quando a pintura dura para sair do corpo significa que este sujeito é muito ciumento. Todas as artes se identificam o povo que pode representar algo significativo para a sociedade, mas atualmente os jovens modificam muito a pintura corporal do Paiter Surui, devido de não saber o seu próprio pintura do seu povo.

Para isso o projeto de Mais Educação na aldeia paiter linha 09, foi com o foco de levar anciões para esses conhecimentos tracionais e repassar aos alunos da escola da sua aldeia.

Nas três imagens das Figuras 14, 15 e 16, cada figura contem pintura diferente. Nas Figuras 14 e 15 alapibih kãy e gopéb são usados pelo paiter no momento da festa da cerimonia de caças onde vão tomar xixa após da chegada, festa de ariah (bicho preguiça), também é um tipo de festa sagrada para o paiter, guerra entre etnias diferente. Já na Figura 16, temos a pintura makar, que representa um balaio e é usada no corpo das meninas.



Figura 14 – Pintura alapibih kãy.

Fonte: Gamalonô Surui.



Figura 15 – Pintura Gopeb.
Fonte: Gamalonô Surui.



Figura 16 – Pintura makar.
Fonte: Gamalono Surui.

O projeto Mais Educação foi um excelente parceiro com a escola e comunidade para trabalhar com os alunos trazendo uma ponte para traçar dois mundos voltado na valorização de sua cultura.

4.6 Confeção de Artesanato

Tiveram duas oficinas de confecção de artesanatos nos conhecimentos de gênero feminino, confecção de “AHDO” que o mesmo significa em língua portuguesa balaio e “ganyag”, argila.

Essas duas oficinas tiveram fundamentos de aprendizagem aos alunos nas técnicas de confecção, extrair a argila para fazer panela de barro. Paiter possui seguinte técnica ao chegar em casa: ficar sentado em posição sentida sem movimentar a cabeça durante a um minuto, pois se não fizer isso, a panela racha ao meio quando vai ao fogo para ficar queimado, para que este ficar resistente para servir a cozinhar contra o fogo. Para extrair argila, aquela pessoa ou mulher que teve ideia de buscar, convidam todas as mulheres dos membros da sua comunidade, ao chegar no local da argila cada extrair pra si e ao voltar seguem aquela pessoa que teve ideia.

Panela de barro era uma principal tarefa de mulher antes do contato com a sociedade envolvente, pois é um material de utensílio do Paiter Surui (Figura 17).



Figura 17 – Indígena preparando panela de barro.

Fonte: Gamalono Surui.

Observa-se na Figura 17 que a menina em primeiro momento faz um fio grosso com o barro no formato de biscoito de polvilho e vai fazer os giros, após de ter feito essa no dia seguinte vai passar uma pedra lisa sobre o ela para ficar lisa como esta foto do lado.

É fundamental trazer esse conhecimento pra sala de aula mostrar aos alunos para que este conhecimento tem a ver com o conteúdo de matemática, usando objeto na sala para compreender melhor. Na panela de barro identificamos a circunferência e que o Paiter Surui chama-se algo redonda de “so batakahp ah” e a circunferência chamamos de “sodogã ahp” e o fundo de “lobeah weh”. Pois assim os alunos têm maior clarezapara sua aprendizagem.

Da mesma forma, fizemos na confecção de balaio na Figura 18:



Figura 18 – Confecção de balaio.

Fonte: Gamalono Surui.

Na confecção de balaio envolve também o conteúdo de matemática que os alunos frequentam na escola, antes não percebiam que este trabalho envolve alguns conteúdos de matemática, pois através da pesquisa sabemos e passamos aos alunos do ensino médio. Explicamos aos alunos que a tranca balaio tem a forma de losango ao lado, em língua Paiter Surui é “AHDO” e seu centro do fundo é “ahdo iyã kap ah”, que significa raio. Este nome varia conforme o objeto, fundo geral do balaio chamamos de “Ahdo iyãpeahp”, que é circunferência ou diâmetro. Todos estes nomes são relativos, por exemplo: Ahdo iyã kap ah significa raio do balaio, Ahdo iyã peahp significa circunferência ou diâmetro do balaio, estes nomes são relativos.

4.7 Educação Indígena

A educação indígena é uma educação que os indígenas possuem os seus modos e práticas de ensino através de seus próprios conhecimentos, cada grupo dos povos indígenas a sua educação são diferentes de outros povos, pois a educação indígena está incorporada na cultura, tradição e nos costumes. Por isso a educação indígena é diferenciada e de qualidade no conceito de educação escolar indígena e não dizer que são melhores de outras sociedades. Percebo também que em toda a educação indígena não havia lugar apropriado para ensinar os filhos, os grandes mestres são os pais, pois eles são transmissores de conhecimentos de para os filhos de forma oral e práticas, ensinavam os filhos com relação a natureza, memória do seu povo ancestrais. De acordo com Saraiva e Mattos:

Antes da chegada dos colonizadores, os povos indígenas já desenvolviam suas formas próprias de gerar e difundir saberes, através da tradição oral e das práticas de cada grupo étnico. Esses saberes, em muitos aspectos, referem-se ao modo de sobrevivência desses povos, às técnicas e manejo com o ambiente, com a natureza. Essas técnicas, esse modo de vida, não são aprendidos na escola e, sim, na convivência do indivíduo em sociedade, nas práticas diárias, no meio do seu povo, ou seja, são conhecimentos gerados a partir da experiência e difundidos, caracterizando a Educação Indígena. (SARAIVA; MATTOS, 2017, p. 101).

No que diz também no RECNEI, 2005, sobre a educação e conhecimento indígena que desde muito antes da introdução da escola, os povos indígenas vêm elaborando, ao longo de sua história, complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo, o homem e o sobre natural.

4.8 Educação Paiter Surui

Por falar da educação indígena, podemos dizer também da educação Paiter, que é um algo muito preciosa e muito rara para transmitir a quaisquer pessoas, isto quer dizer que essa educação Paiter não era transmitida para as pessoas que não fazem parte da família, por isso a educação Paiter Surui era hereditária, passavam de conhecimentos para os filhos, os pais não ensinavam os filhos, apenas só dizia a ele que respeitar a família, na verdade o que ensinam os filhos era os avós e avós maternos e paternos, assim também como tios e as tias materno e paternos. De acordo com o cacique Rafael Mopimop que fala da educação Paiter, Antigamente nós Paiter tinham nosso próprio de educar os nossos filhos, e essa educação era muito valorosa para entre nós Paiter, não transmitiam para qualquer pessoa que não faz parte do grau de parentesco, devido do medo de alguém tomar essa riqueza de conhecimento, assim surgiam classes sociais familiares, pessoas que não recebeu a educação, ou seja, aquele que

não obedeceu ao seu pai, tios maternos ou paternos e avôs consideravam como os dias atuais existem analfabetos e Doutor, Paiter que confeccionavam muitos artesanatos através do conhecimentos que recebeu dos pais, assim como também no conhecimentos de contos de história, essa considerava como pessoa rica e o que não recebeu consideravam pessoa pobre. Atualmente o resultado desta, mostra que muitos Paiter contam as histórias erradas e mudam da realidade de história o que era certo e também algumas pessoas mais velhas não sabem bem as técnicas de confeccionar os artesanatos e contar história.

Até hoje existe os segredos do Paiter para ensinar os filhos, mas nos ensinamentos se classificam de acordo com os gêneros de conhecimentos masculino e feminino, assim se formavam os filhos nos seus próprios conhecimentos tradicionais.

Na Figura 19, mostra que uma família onde a avó Inceri Surui está ensinando as filhas e as netas como confeccionar a rede tradicional do povo Paiter, para que as aprendizes futuramente repassar esse conhecimento para as suas filhas através dela, por isso os ensinamentos devem ser teóricos e práticos. O objetivo deste ensino aproveitando enquanto está viva ensinando as filhas e as netas, diz na cultura Paiter que enquanto está vivo é necessário ensinar os filhos para que os conhecimentos prevaleçam entre a família.



Figura 19 – Avó ensinando as filhas e netas a confeccionar redes.
Fonte: Gamalono Surui.

Na Figura 20 mostra onde é realizada uma educação tradicional Paiter do gênero masculino, repassando o conhecimento aos alunos de como fazer a flecha, existe diferença entre as realizações de transmissões de conhecimentos aos alunos.



Figura 20 – Jovens Paiter aprendendo a confeccionar flecha.
Fonte: Gamalono Surui.

Na Figura 19 mostra que onde a educação é transmitida somente a família levando a educação de maneira como Paiter transmitiam o seu conhecimento somente para a sua família e na Figura 20 mostra também o que acontece na educação escolar hoje, ensinam os alunos nas suas próprias educação tradicional através da presença da escola e que a comunidade vê a escola como um instrumento de fortalecimento e valorização da sua cultura, por isso pela necessidade de preservar a cultura e os conhecimentos, a comunidade sejam grande parceiro da escola por um caminho da educação.

Atualmente a educação indígena nas comunidades Paiter está presente nos meios dos convívios diários Paiter, como na reunião familiares, festas tradicionais, encontro de clãs no momento de reunião e na vida cotidiana de cada familiar.

5 A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E O ENSINO DAS LÍNGUAS NA ESCOLA

Muitas lideranças indígenas em Rondônia participaram da luta por uma educação diferenciada, lutaram para assegurar na Constituição Federal direitos e reconhecimento da diversidade, da diferença e da possibilidade de sermos cidadãos brasileiros e cidadãos Suruí, Cinta Larga, Arara, Gavião, Maxakali etc. O que se esperava era construir uma educação escolar indígena diferenciada de assegurar os direitos indígenas na educação e reconhecer a valorização da cultura e da identidade de cada povo.

A educação escolar indígena ao longo da sua trajetória foi marcada por quatro fases, segundo Ferreira (2001).

A primeira fase é marcada pela catequização dos indígenas com objetivo de integrar e negar a diversidade dos índios.

A segunda fase é marcada pela criação do Serviço de Proteção ao Índio – SPI, o estado resolveu formular uma política indigenista menos desumana, com relação a educação escolar houve uma preocupação com a diversidade linguística e cultural dos povos indígenas. Criou-se as escolas com ênfase nos trabalhos domésticos e agrícolas. Os indígenas não se adaptaram, então propuseram uma escola voltada aos trabalhos e jeito de viver de cada grupo. Com a extinção do SPI e a criação da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, no ano de 1967, houve um convênio da FUNAI com a Sociedade Internacional de Linguística – SIL, para trabalhar uma política de ensino bilíngue na escola indígena e nesta fase ainda a FUNAI investiu na capacitação dos professores indígenas para assumirem cargo de professor na sua aldeia.

A terceira fase é marcada pelas propostas de formação dos professores indígenas por Organizações Não-governamentais. Muitas Ongs ofereceram cursos de formação de professores indígenas. No estado de Rondônia houve o IAMÁ – Instituto de Antropologia e Meio Ambiente. Segundo Isidoro (2006, p.81)

Em Rondônia, tanto o CIMI quanto o IAMÁ tiveram importante papel neste momento histórico para a educação escolar indígena. Começaram os cursos de formação de professores indígenas. Muitos dos que hoje atuam foram alfabetizados e iniciaram seus trabalhos nas comunidades. O IAMÁ encerrou suas atividades em Rondônia em 1991.

A quarta fase foi a experiência de autoria da organização do movimento indígena aos encontros indígenas de professores índios. O objetivo era fortalecer as políticas indígenas e as organizações indígenas. A questão da educação escolar esteve sempre no horizonte das reivindicações do movimento indígena organizado (FERREIRA, 2001).

Como frutos dessas lutas atualmente existe magistério indígena para capacitar os indígenas para atuarem na escola, podemos dizer também que os cursos de licenciaturas que existem em todo o país é fruto, também, desta luta. Em Rondônia em 1998 iniciou a primeira turma de magistério indígena e hoje está na quarta turma. Há também desde 2009 o curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia, que está no sexto processo seletivo.

Hoje, apesar das grandes conquistas legais e direito adquiridos, por meio da luta de tantas lideranças indígenas, indigenistas, antropólogos, linguistas, universidades, ONGs, estamos vivendo um momento em que nossos direitos estão ameaçados, tanto com relação a Terra, aos modos próprios de viver, a religião, a língua e a concretização de uma educação diferenciada.

Mas atualmente a diferenciada não estão como nos anseios da comunidade ainda, falta ainda o calendário específico para a escola indígena Paiter, ou seja, em todas as escolas indígenas, apesar desta falta houve ainda grande problema nas ausências dos professores indígenas durante a sua formação. Mas a discussão está em andamento para fazer acordo entre a MPF, SEDUC e a UNIR para não prejudicarem os alunos durante as etapas de formações.

A língua indígena em todo processo histórico da educação escolar indígena foi utilizada como instrumento de dominação e de integração. O RCNEI (2005, p. 118) discute esta questão:

A história da educação escolar indígena revela que, de um modo geral, a escola sempre teve ter objetivo integrar as populações indígenas à sociedade envolvente. As línguas eram vistas como o grande obstáculo para que isso pudesse acontecer. Daí que a função da escola era ensinar os alunos indígenas a falar e a ler e escrever em português. Somente há pouco tempo começou-se, em algumas escolas, a utilizar as línguas indígenas na alfabetização, ao se perceber as dificuldades de alfabetizar alunos em uma língua que eles não dominavam o português. Mesmo nesses casos, no entanto, assim que os alunos aprendiam a ler e a escrever, a língua indígena era retirada da sala de aula, já que a aquisição da língua portuguesa continuava a ser a grande meta. É claro que, tendo sido essa a situação, a escola contribuiu muito para o enfraquecimento, para o desprestígio e, conseqüentemente, para o desaparecimento de línguas indígenas.

Com a Constituição Federal o ensino da língua indígena na escola passa a ser um direito no seu Art. 210.

§ 2º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Reafirmado na LDB , Art. 32

§ 3º. O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Mesmo assim é necessária muita consciência dos professores indígenas e profissionais que atuam nas escolas para efetivamente garantir que a língua indígena e portuguesa tenha o mesmo valor na escola indígena.

5.1 Educação Escolar entre os Suruí

Alguns anos depois do contato com a sociedade não indígena o povo Paiter ainda não conhecia a escola nem a escrita, pouco depois de contato do Suruí chegou o missionário “Bio”, então começou o seu trabalho a ensinar a escrita de língua portuguesa e depois na língua Paiter, quando o missionário Bio ainda estava trabalhando ensinando a língua portuguesa para o paiter, pouco tempo depois chegou uma missionária “Carolina” com o mesmo objetivo do trabalho do Bio, então os dois missionários foram com o mesmo objetivo foi ensinado os paiter, pouco tempo esses dois missionários se apaixonaram-se e se casou. Ao longo do trabalho o casal missionário foram produzir uma cartilha em seguida produziu mais outra e assim por diante até chegar a 5 volumes.

Mas ainda neste período não havia a escola na aldeia nabekod abat akiwah na linha 12, onde foram contatada pela FUNAI. Então começaram com os mais velhos a estudar alfabeto de língua portuguesa em primeiro momento, mas eles não entendiam o que estavam acontecendo de fato e não ficaram muito interessados, mas informavam algumas palavras que interessavam a eles, depois os jovens começaram a gostar e entenderam que os não indígenas tinham essa educação – a da escrita. Eles traduziram a bíblia na década de 90. Este casal missionário viveu mais na linha 11 na aldeia Amaral, após de algumas aldeias que foram espalhados como linha 11 Lobó, linha 11 Lapetanha, linha 11 aldeia Joaquim e linha 11 Amaral, linha 10, linha 09 conhecido agora como aldeia Paiter, linha 08, linha 14 e além da linha 12 onde os Paiter foram contatado pela FUNAI. Nesta aldeia Amaral em que os primeiros indígenas Surui se converteram ao cristianismo.

Estes missionários propuseram uma escrita da língua Paiter e elaboraram vários livros/cartilhas, em vários volumes de livros de 1 a 5, juntamente com os alguns indígenas como intérpretes. Estes livros contêm palavras, textos e desenhos na língua materna com todas as traduções na língua portuguesa, com o objetivo de ensinar a língua escrita Paiter para o povo, ou seja, para que os Paiter compreendessem a língua portuguesa ou mesmo socializar a língua portuguesa.

Então coloco algumas partes dos livros que fotografei a seguir:

Na Figura 21 temos a capa de um volume dos primeiros livros que foi elaborado pela missionária Carolyn Bontker e dois indígenas Suruí, A partir desta cartilha o casal de missionários Bio e Carolyn sugeriram o alfabeto Paiter.

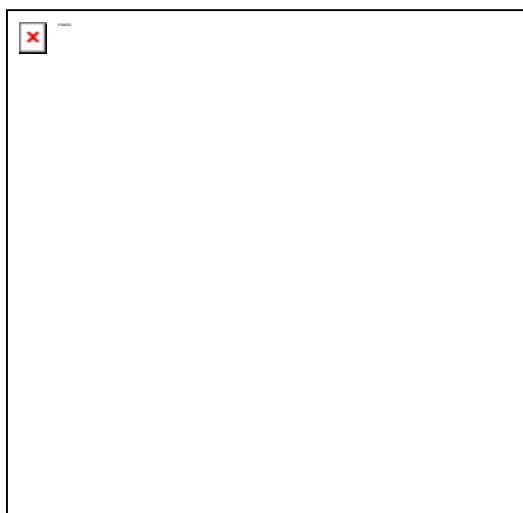


Figura 21 – Capa cartilha Surui n° 3.

Fonte: (BONTKES; SURUI; SURUI, 2004).

Já na Figura 22, temos a contra capa da cartilha escrita na língua Paiter que significa “escrita da língua Paiter”, elaborado por Carolyn Bontker, Ğaami Surui e Meresor Surui.



Figura 22 – Contra capa cartilha Suruí n° 3.
Fonte: (BONTKES; SURUI; SURUI, 2004).

Na Figura 23 temos o Prefácio dessa cartilha.

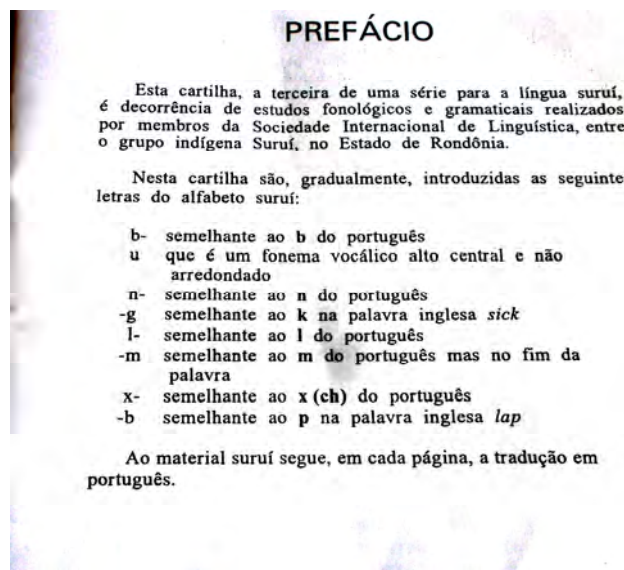


Figura 23 – Prefácio da cartilha Suruí n° 3.
Fonte: (BONTKES; SURUI; SURUI, 2004).

A lição 17, na terceira parte da cartilha mostra desenho, palavras substantivas e traduções na língua portuguesa, percebe-se que ao formar palavras identificou radical das mesmas (Figura 24).

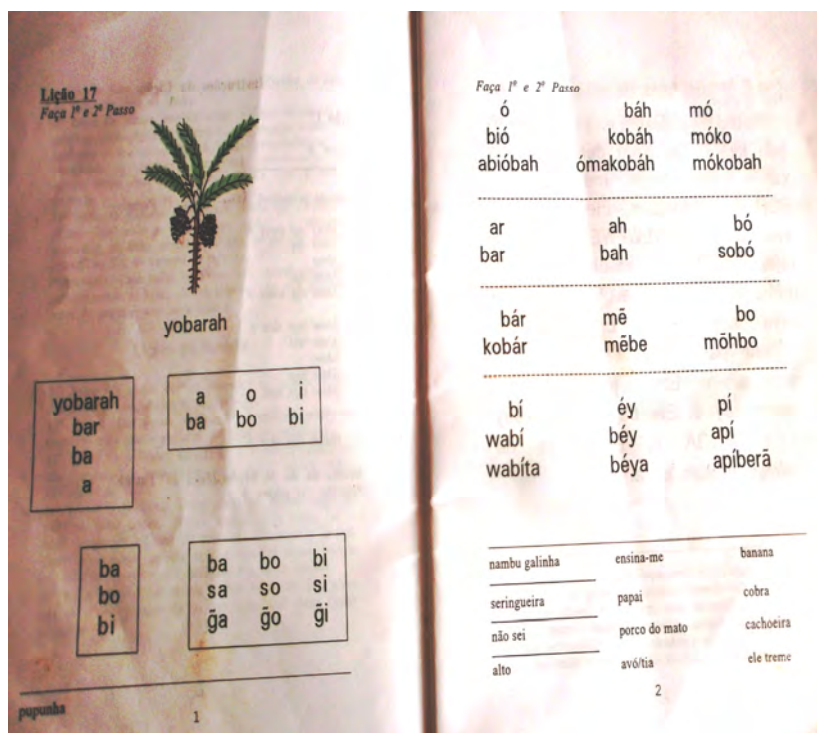


Figura 24 – Lição 17 da cartilha Surui nº 3.
Fonte: (BONTKES; SURUI; SURUI, 2004).

Na terceira parte, logo em seguida a palavra, sempre um substantivo concreto, destacando a sílaba que se quer trabalhar e abaixo a traduções na língua portuguesa (Figura 25). Depois de trabalhar a palavra, a sílaba, tem um texto relativo ao desenho.

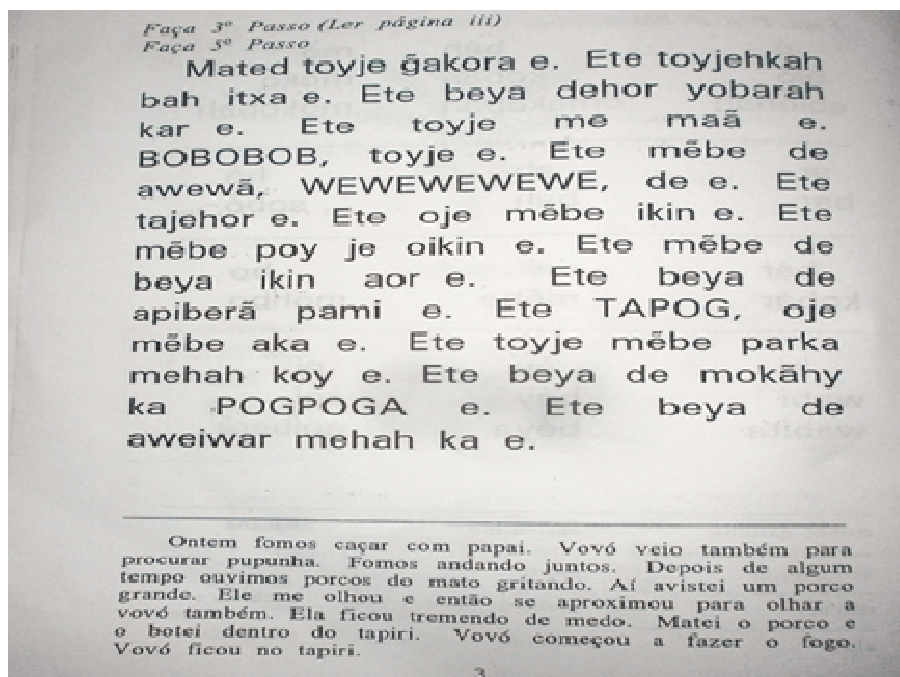


Figura 25 – Lição 17 da cartilha Surui nº 3.
Fonte: (BONTKES; SURUI; SURUI, 2004).

Em seguida, em outra página encontra-se o texto do desenho anterior, logo abaixo do texto está a tradução do mesmo na língua portuguesa, observa-se que algumas palavras com letra maiúscula são onomatopeias em Paiter – wewewewewe- barulho que a porção faz e bobobob – barulho dos passos rápido, mas na tradução da língua portuguesa desaparecem as onomatopéias. Então esse livro foi elaborado desta maneira em todas as páginas como está na sequência da página 1 a 3, que assim totaliza 44 páginas desta cartilha.

A utilização destes livros/cartilhas pelos paiter aconteceu bem antes de eles se interessarem pela escola.

Daí então, os jovens começaram a gostar de escrever, ao longo da convivência com a sociedade não-indígena, segundo informações dos mais velhos perceberam que dentro da sociedade não indígena existia a escola e alguns indígenas colocaram seus filhos na escola dos colonos sem saber direito como era o funcionamento, sem ter conhecimentos sobre a escola, as crianças eram monolíngües em paiter, os filhos não sabiam falar em português somente falava na sua própria língua materna, mas pela percepção entendia a língua portuguesa, então foi assim que os paiter começaram a frequentar a escola.

Hoje nós sabemos que a entrada da escola nas aldeias indígenas teve o propósito de mudar a cultura do índio, mas antes não sabíamos. Segundo KAINANG citado por FREIRE (2004):

A escola entrou na comunidade indígena como um corpo estranho, que ninguém conhecia. Quem a estava colocando sabia o que queria, mas os índios não sabiam, hoje os índios ainda não sabem para que serve a escola. E esse é o problema. A escola entra na comunidade e se apossa dela, tornando-se dona da comunidade, e não a comunidade dona da escola. Agora, nós índios, estamos começando a discutir a questão. (KAINANG, 1997 apud FREIRE, 2004, p. 28).

Atualmente o povo paiter frequenta a escola que é conhecida geralmente como a educação escolar indígena. As escolas foram implantadas nas aldeias do povo paiter surui por volta de 1991 pela FUNAI, onde os alunos indígenas frequentam no seu dia a dia até hoje.

Não existe ainda uma discussão sistemática sobre o currículo, educação específicas, diferenciada e de qualidade, entretanto há uma preocupação hoje do setor pedagógico da coordenação de educação escolar indígena da CRE em avançar na discussão sobre currículo das escolas indígenas. Há alguns trabalhos, também, em projetos realizados pela Universidade Federal de Rondônia e ao logo do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural. Podemos encontrar na prática de alguns professores metodologias e conteúdo que marcam uma educação mais específica, mas esta não está explícita no currículo proposto para escola.

Hoje o povo Paiter entende que, a escola é um dos lugares onde a relação entre os conhecimentos próprios e os conhecimentos das demais culturas deve se articular, buscando os conhecimentos intercultural em que o Paiter necessita para compreender a sociedade nacional, sem deixar os seus valores e as suas identidades. Por tanto a educação indígena Paiter e educação escolar indígena os seus conceitos deverão estar quase na mesma direção para atender os anseios da educação da comunidade. A comunidade e os professores indígenas precisam pensar no currículo escolar para que a escola atende as suas necessidades dentro da sua característica como escola indígena, pois a comunidades paiter sempre desejou a direcionar as suas escolas forma melhor para que atenda às suas necessidades de aprendizagem, principalmente nos calendários específico e diferenciado e de qualidade e projeto político pedagógico da escola.

Segundo Gomes (2018, p.90):

O projeto político pedagógico é um processo em construção, com horizontes amplos, na maioria com situações conflituosas, pois os modelos de educação que foram introduzidas em suas aldeias ao longo do processo tem sido de uma educação que não atendem os anseios de uma educação intercultural, específica com qualidade. No decorrer dos debates, seminários, reuniões nos deparamos com as incertezas em relação à escola, onde acreditam que essa deverá ser o caminho para a interlocução, capaz de coloca-los em situação de igualdade com a sociedade envolvente, por isso buscam condições e novas tecnologias que sejam capazes de diminuir essa relação de desvantagens entre indígenas e sociedade envolvente, porém temem que esse conceito seja um fator que intensificará o processo de perda da identidade.

Está nas mãos do professor indígena o papel fundamental de desempenhar uma educação de qualidade para seu povo, não apenas na formação das crianças, mas também na socialização dos conhecimentos adquiridos para todos da aldeia. Pois eles foram escolhidos pelas suas comunidades de base para serem os protagonistas em se formarem e formarem as futuras gerações.

6 ALGUMAS REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de bater timbó percebi e observei que o maior foco na educação Paiter é ensinar os filhos como liderar o seu grupo ou povo, pois onde os pais são muitos rígidos ao orientar o filho, começando a organizar a construir a vida do filho a partir da política do seu povo que era orgulho dos pais. Não só no papel de liderança, mas como também na obediência e respeito ao seu líder do grupo e assim também a contribuição de seus valores ao seu povo.

Na cultura paiter, em relação a orientação dos filhos, faz que esse torna-se um jovem muito respeitado na comunidade ou dentro do seu povo e se o filho alcançar o objetivo da vontade dos pais, este pai pode ser um melhor educador. Assim foi durante o processo de bater timbó que cada pais dos jovens exigiram dos filhos a cumprir o seu líder de atividade.

O projeto Mais Educação teve uma grande aceitação por parte da comunidade Paiter, em especial pelos alunos. O que podemos notar na primeira resposta das perguntas do aluno em que o aluno fala sobre a importância de projeto Mais Educação a partir do seu entendimento, somando projeto Mais Educação e professor (Figura 26), já na primeira pergunta da Figura 27 o aluno só fala do projeto e não projeto e escola. Estas questões fazem que os alunos reflitam a pensar livremente no sentido da sua percepção.

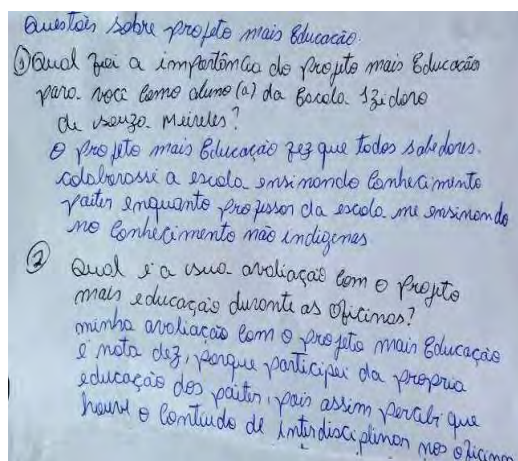


Figura 26 – Resposta do aluno A.

Fonte: Gamalono Surui.

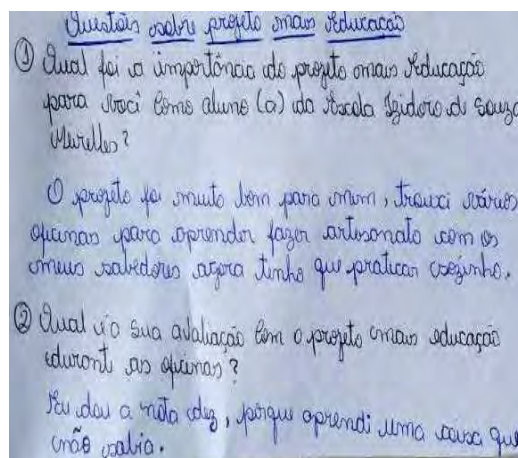


Figura 27 – Resposta do aluno B.

Fonte: Gamalono Surui.

Nas Figuras 28 e 29 as respostas dos alunos aparecem diferente da outra, mas as respostas dos mesmos são resultados positivos em relação ao projeto. Todas atividades realizadas pelos projetos foram muito fundamentais ao aprendizagem dos alunos, escola e comunidade, motivaram os alunos a praticarem a confecção de artesanatos no seu dia a dia.

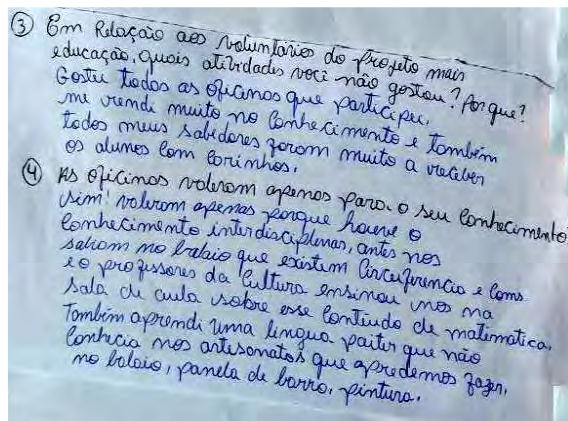


Figura 28 – Resposta do aluno C.

Fonte: Gamalono Surui.

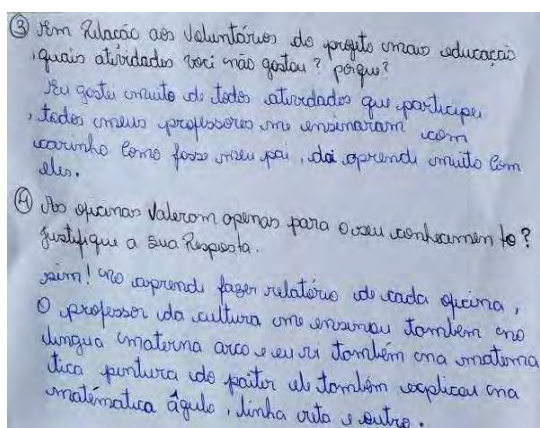


Figura 29 – Resposta do aluno D.

Fonte: Gamalono Surui.

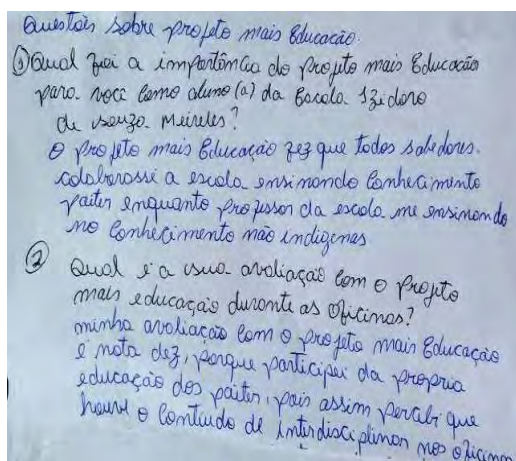
O projeto contribuiu a escola Izidoro de Souza Meireles no trabalho de interdisciplinar que o mesmo realiza no momento da atividade realizada pelos professores indígenas e não indígenas, neste projeto os alunos aprenderam a confeccionar os artesanatos de dois gênero masculino e feminino, isto quer dizer que foram divididos em duas turmas conforme do conhecimento de gênero que o Paiter possui, trabalho de língua paiter em todos momentos das atividades e as vezes alunos não conheciam algumas línguas, principalmente a linguagem desconhecido aos alunos foram transmitido durante a fala de mais velho na aula de atividade, não só dentro do projeto, mas também após deste a continuidade das atividades foram prevalecer pela vontade da comunidade e alunos.

Portanto o projeto de Mais Educação pode ser uns dos motivadores que foi um grande parceiro da escola e comunidade no sentido da educação escolar indígena específico, diferenciada e de qualidade.

7 ALGUMAS REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Itxagareh we saba oje paiter sade apûk akobah ahnã palosa asar esabiway nyã ani ã yeke ka e, eyap e nekoy xixop esadenã apuk alawata ani e, ehbo makih gûya ahna ewe itxa labiway nyã ikay, ohne labiway eka teneh ,ahna palosa amakab nã aweitxa aniã yeke ka, akawarõb awekay,asob goe pih. Paiter kabi mamûk pihñ mãb ne sade asob goe pih e, akawarõb yakade amasoe itxa yeke mi e, enãb sadena labiway nyã anie. Eyab emi mamûk ey xob ey jenã itxag e saba enã e, meygaba meyxabiway ka meykawar areh yap itxa.

Projeto Mais Educação ka Paiter ey jenã iyeh enã sodihg ey kabi e. Nan e ikin pãhga mageter wewã me same kah, sodihg de ewe magûy itxa projeto Mais Educação sinã yãh amasoe itxa we mi e, awemaoar projeto Mais Educação de sodihg e makit emaoar e (Ixo 26), Ixo 27 eka sodihg denã projeto ekoy txeneh e eteh ohne sodihg ah ixo koy. ãh mererekare ey ye denã sodihg ey yaba merekar e same maãh tahg aãh awe kay ya e.



Questões sobre projeto mais Educação.

① Qual foi a importância do projeto mais Educação para você como aluno (a) da Escola Sídoro de Souza Mireles?

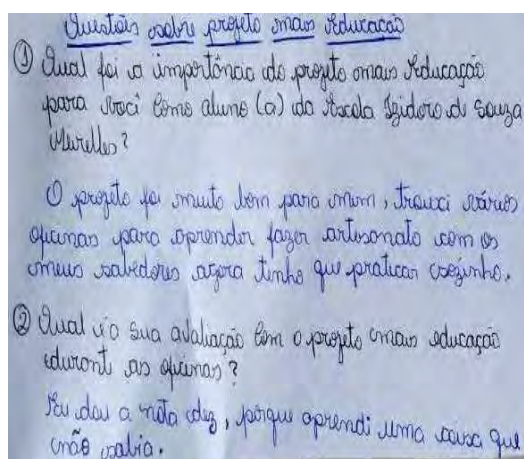
O projeto mais Educação fez que todos os alunos colaborasse a escola em nome do conhecimento paiter emquanto professor da escola em ensinando no conhecimento mais indígenas.

② Qual é a sua avaliação com o projeto mais educação durante as oficinas?

minha avaliação com o projeto mais Educação é nota dez, porque participei da própria educação dos paiter, pois assim percebi que houve o conteúdo de interdisciplinar nas oficinas.

Ixo 26 – Sodihg ey je omeremakah e. A.

Iihg: Gamalono Surui.



Questões sobre projeto mais Educação

① Qual foi a importância do projeto mais Educação para você como aluno (a) da Escola Sídoro de Souza Mireles?

O projeto foi muito bom para mim, trouxe várias oficinas para aprender fazer artesanato com os meus colegas agora tenho que praticar os projetos.

② Qual é a sua avaliação com o projeto mais educação durante as oficinas?

Fui dar a nota dez, porque aprendi uma coisa que não sabia.

Ixo 27 – Sodihg ey je omeremakah e. B.

Iihg: Gamalono Surui.

Ixo 28 e 29, esadenã mawetere nã awepi e, muy a soe itxawe mi teh alade projeto we same itxa etiga teh. Baga teh projeto de soename yõh ewe denã iwe magûy iter sodihg ey akobah we kabi enã e, sodihg ah kabi, paiter ey kabi, mamuk ewaba aweitxa alaba somaga we detenã e.

③ Em Relação aos Voluntários do Projeto Mais Educação, quais atividades você não gostou? Por que?
 Gostei todas as Oficinas que participei, me rendeu muito no conhecimento e também todos meus sabedores poram muito a trabalhar os alunos com carinho.

④ As Oficinas valeram apenas para o seu conhecimento? Não! valeram apenas porque houve o conhecimento interdisciplinar, antes nos sabiam no labor que existem Circunferência e como é o professor da cultura ensinou nos na sala de aula sobre esse conteúdo de matemática. Também aprendi uma língua paiteira que não conhecia nos artesanatos que aprendemos fazer, no balais, panela de barro, pintura.

Ixo 28 – Sodihiŋ ey je omeremakah e. C.
 Iihg: Gamalono Surui.

③ Em Relação aos Voluntários do projeto mais educação, quais atividades você não gostou? Por que?
 Não gostei muito de todas atividades que participei, todos meus professores me ensinaram com carinho como fosse meu pai, daí aprendi muito com eles.

④ As oficinas valeram apenas para o seu conhecimento? Justifique a sua resposta.
 Não! não aprendi fazer relatório de cada oficina, o professor da cultura me ensinou também em língua materna como eu sei também em matemática, pintura de paiteira e também explicou em matemática águila, linha reta e outro.

Ixo 29 – Sodihiŋ ey je omeremakah e. D.
 Iihg: Gamalono Surui.

Projeto denã sodihg ah Izidoro de Souza Meireles emasoename maoar aor enã e, soename interdisciplinar itxa sodihg ah sade amasoename nã anie, emaga sodihg e makit ey xade yara nã laht nã ani e, projeto emi sodihg ey jenã bagater akobah amaxot aga we ka e, eyap e denã iwakalar e, wale masoe, ou asoe, enã paiteir denã akoba we itxa e. Ehbo goe ka gobah we denã e, somagawe ka, ãh we itxa paiteir sani ih we ka, enã mamûk denã akobah ena e, ikây xade awewã amakobah alaba eka, enã mamûksadenã enam ner nã akah amasoe itxa enab ner nã ani e.

Projeto Mais Educação esadenã waba enãmah yele ka sodihg ah amakap nã ani e, ewe nekoy yakadenã laht nekanem emi xokobah we itxa akah ani e, xiit ner nã, xagõa same tohta, iwe magûy enã.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONTKES, Carolyn; SURUI, Ğaami; SURUI, Meresor. **Paiter Koe Tiğ**: cartilha Surui. 5. ed. Reimp. Porto Velho: Sociedade Internacional de Linguística – SIL, 2004.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: MEC/SECAD, 2005.

CARDOZO, Ivaneide Bandeira (Org.). **Etnozoneamento Paiterey Garah**: terra indígena Sete de Setembro. Porto Velho: Kanindé – Associação de Defesa Etnoambiental, 2011

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática** – elo entre as tradições e a modernidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FERREIRA, Mariana Kawal Leal . A Educação Escola Indígena : um diagnóstico da situação do Brasil. In. SILVA, Lopes Aracy da. e FERREIRA, Maraiiana Kawall Leal Org. **Antropologia História e Educação** - A questão Indígena e a Escola, São Paulo , Global , 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Trajetória de muitas perdas e poucos ganhos. In: **Educação Escolar Indígena em Terra Brasilis** - tempo de novo descobrimento. Rio de Janeiro: Ibase, 2004. p. 11-31.

GOMES, Marcia Helena. **Tensões no território Paiter Surui**: Os modelos de gestão na terra indígena sete de setembro e as repercussões na escola. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UNIR, Cidade, 2018.

ISIDORO, Edineia Aparecida. **Situação sociolingüística do povo arara**: uma história de luta e resistência. 2006. 138 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFG, Goiânia, UFG, 2006.

MATTOS, José Roberto Linhares de; FERREIRA NETO, Antonio. O Povo Paiter Suruí e a Etnomatemática. In: BANDEIRA, F. A.; GONÇALVES, P. G. F. **Etnomatemáticas pelo Brasil**: aspectos teóricos, ticas de matema e práticas escolares. São Paulo: Editora CRV, 2016. p. 79-100.

SCANDIUZZI, Pedro Paulo. **Educação indígena x educação escolar indígena**: uma relação etnocida em uma pesquisa etnomatemática. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

VERGANI, Tereza. **Educação Etnomatemática**: O que é? Natal: Flecha do Tempo, 2007.